



# “Mestre, onde moras?” “Vinde e vede”

*Tríduo Pascal dos Colegiais de Comunhão e Libertação  
Rimini, 21 a 23 de abril de 2011*

QUINTA-FEIRA, 21 DE ABRIL, NOITE

**INTRODUÇÃO**  
PADRE EUGENIO NEMBRINI

Como você se chama? Beatriz. Por que você canta? É possível cantar de modo que os outros, no fundo, digam: “Como é boa!”. E é possível falar – que é aquilo que caberá a mim nestes dias –, no fundo no fundo para dizer: “Como eu sou bom!”, ou é possível fazer o serviço de ordem para dizer: “Como eu sou bacana!”. Ou então, pode-se cantar, falar, servir diante dos anjos de Deus. Eu asseguro a vocês que sempre me dá tremedeira, mas não é nervosismo por ter que falar. Eu falava disso, antes, com uma amiga: nunca me senti tão pobre, tão incapaz, tão inadequado para o gesto que estamos realizando, mas ao mesmo tempo – dizia a ela – em paz, porque Aquele que faz, Aquele que age entre nós é um Outro.

Portanto, duas únicas coisas: uma, agradeço a vocês, e este gesto será o fruto, será o resultado do sim de cada um de nós e – insisto – do sim diante dos anjos de Deus, que se alegram com a nossa santidade. Por menos do que isto, por menos do que a nossa, do que a minha santidade, tudo se torna inútil; claro que é útil, necessário, mas a pessoa acabaria voltando para a casa descontente. Queremos ser os primeiros, curiosos, desejosos de ver como, nestes dias, Deus agirá entre nós. Peçamos isso como um presente extraordinário, simples, no modo de cantar, no modo de servir, no modo de acompanhar. A cada um de nós Deus diz: “Você vale por aquilo que é, porque eu quis você”. E hoje cada um pode dizer a este Deus, a este Jesus que vive entre nós: “Toma a minha vida. Toma a minha vida e faz dela aquilo que quiseres, mas sobretudo, faz o milagre da Tua presença entre nós”. Portanto, obrigado antecipadamente, mas obrigado a Deus que nos quer, obrigado a Deus que nos quis aqui também este ano e obrigado a Deus que nos quer a cada minuto, a cada instante. De qualquer forma, vocês sabem muito bem que cantar de certa maneira, ou seja, diante dos anjos ou diante de si mesmos, servir diante dos anjos ou diante de si mesmos, faz a diferença entre um canto, um serviço cristão e um canto e um serviço simplesmente... não me vem uma palavra melhor, mas acho que vocês entenderam. Queremos que cada instante nosso seja para Ti, Jesus, e o desejo é exatamente este. De forma que, obrigado, de verdade, de coração e curiosos, heim!

*Cantos: Ballata dell'uomo vecchio, Give me Jesus*

Bastaria abrir o coração para deixar entrar as palavras dos dois cantos que acabamos de escutar; abrir, escancarar nossa vida inteira, o nosso desejo, para sentir de repente uma comoção, para sentir de repente – não sei para vocês, mas lhes asseguro que, para mim, é assim – o coração tomado, arrastado: “Dá-me Jesus, de manhã, quando me levanto. Dá-me Jesus, entre o berço e o túmulo. Dá-me Jesus naquela manhã, quando morrer. Dá-me Jesus, pode ter o mundo inteiro, mas dá-me Jesus”. É com este grito que começamos este nosso já habitual encontro. Sei que muitos de vocês fizeram uma longa viagem, um pouco mais difícil por causa do tráfego. Mas, quem os obrigou a fazê-la? Quem os obriga a estar aqui? Penso no tempo de Jesus, quando milhares de pessoas se deslocavam (e não era de ônibus ou outros meios, era a pé, talvez de carroça... não sei se já existiam carroças, acho que sim, ou nos jumentos) para encontrar este Homem de quem haviam ouvido falar, haviam ouvido outros falarem a respeito. Mas quem, quem os obrigava? Até se esqueciam de comer. Aquele grito. Vocês se lembram? Aquele grito de que falamos no ano passado, aquela humanidade.

Que coisa grande, que grande é a nossa humanidade! É uma comoção, exatamente porque acontece agora, desejamos que aconteça neste instante. E, então, é uma lealdade que peço a mim e peço a cada um de vocês: a lealdade com o nosso coração. Abandonemos imediatamente todas as ideias, os pensamentos, as imagens, os preconceitos que enchem a nossa mente para sermos totalmente leais, em sintonia com o nosso coração que vibra, que grita, que pergunta. No ano passado, nós nos dissemos, no fundo, apenas isto: que graça é a nossa humanidade! Que presente é a nossa necessidade! Com aquela imagem que carregamos durante o ano todo, a imagem do atum, do peixe... comemos o peixe por causa da fome, e com a vontade, o desejo de ver Cristo em ação num eu mudado, num eu comovido.

Cantamos a *Ballata dell'uomo vecchio*. Mas, o que faz um homem velho ou jovem? Um homem triste, um homem que vive – no máximo – de recordações, mas no fundo triste e cínico, e um homem jovem, um homem leal, um homem – isto é – que tem seu coração sempre vivo, a própria urgência, o próprio desejo, a própria necessidade? Vocês se lembram daquilo que Carrón nos disse no final dos Exercícios? “Caros amigos, diante da derrota com a qual vocês foram desafiados nestes dias, sinto urgente, dentro de cada um de vocês, a pergunta: Cristo é capaz de realizar a promessa de responder a toda a exigência de felicidade que vejo vibrar no meu coração? Poderá encontrar resposta a esta pergunta apenas quem aceitar se comprometer com a verificação na comunidade cristã. Nenhuma resposta dada por alguém diferente, ainda que uma autoridade, poderá substituir a evidência da correspondência da qual você tem necessidade para responder, como homem, a esta

pergunta. Tanto é verdade que Jesus sintetizou todo o método cristão nas palavras ditas aos primeiros amigos que encontrou: ‘Vinde e vede’. Por isto – dizia Dom Giussani – se a Igreja não pode trapacear, nem mesmo o homem pode trapacear. É um verdadeiro caminho que está prometido, para o qual o seu coração deve estar disponível. Espero curioso o resultado da verificação de vocês”.

Amigos, encontramos-nos depois de um ano. Qual é o resultado desta nossa verificação, deste nosso trabalho, deste caminho, deste tu que grita e que quer experimentar na vida, no cotidiano, na experiência, como Cristo vence? Mas, não nos assustemos, não nos assustemos nem mesmo se esta verificação não tiver sido levada a sério ou se não a tivermos compreendido até agora, até o fundo, ou se nos é difícil ainda ou se nos parece, no fundo, no fundo, que não seja verdadeira. A coisa mais extraordinária, a coisa mais bonita, a coisa mais verdadeira é que estamos aqui vindos da Itália inteira, para representar o coração deste homem, para dar voz ao coração de todos os homens que sentem a mesma dificuldade; sentimos tanta dificuldade de nos olhar, de nos olhar por aquilo que somos, de nos olhar por aquilo que verdadeiramente somos. A nossa única riqueza, a nossa única grande riqueza, amigos, é aquilo que somos, assim como somos, não aquilo que fizemos, não aquilo que conseguimos fazer, aquilo que sou, não aquilo que dizem os outros de mim, não aquilo que aparece.

Estamos aqui por que queremos ir além da aparência, queremos entrar no real, cujo aspecto mais fascinante é você. Sou Eugenio, italiano, nascido em Bergamo, tenho nove irmãos: é uma descrição daquilo que eu sou. Mas você é definido apenas por isso ou por: “Sou professor, jogador de futebol, advogado, desempregado, presidente, estudante”? Você, você é definido por uma profissão? “Sou João, o primeiro da classe, média nove, todos ficam contentes comigo”. Mas, você é definido pelo nove? “Sou Pedro”... sou as coisas que vocês escreveram, apenas mudei de nome, heim!? “Sou Pedro, tomei bomba no primeiro ano, talvez vá tomar bomba no segundo também, os professores e os meus pais não me suportam”. Mas, você é definido por isto? Sejamos leais! “Sou Laura, a mais bonita da classe, por isto tenho um monte de amigos e um namorado que eu adoro”. Mas é a sua cara, a sua beleza que define quem você é? “Sou Eleonora, sinto-me feia, gorda, antipática, não me suporto e não me suportam”. Mas, basta para você? “Sou Igor, tenho tudo o que quero, sempre me visto bem, na moda”. Igor, mas é suficiente? “Sou Stefania, apaixonadíssima por Lucas, mas ele não me olha. Queria morrer”. Stefania, mas é suficiente? “Tenho tudo: pais fantásticos, frequento os colegiais, canto no coral e até faço caritativa, mas sou triste”. Pode fazer tudo o que quiser, mas é suficiente para você? “Os meus pais acabaram de se separar. Odeio meu

pai por isso”. Mas, você é definido por isto? “Jogo bola, toco violino, falo quatro línguas, e vou para os Estados Unidos este ano”. Amigo, basta? “Estou doente, não posso estudar, brincar, viver”. Ou tantos entre vocês: “Sou... e não tenho vontade de fazer nada”. Sejamos leais: mas, basta a você uma definição assim? Basta um aspecto particular assim? Você é isto?

“E Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança. Domine sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu, sobre os animais, sobre todos os animais selvagens e sobre todos os répteis que rastejam na terra’. E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou. Deus viu tudo o que havia feito e, eis, que era muito bom”. A partir desta noite, coloquem o nome de vocês: “Deus viu tudo o que havia feito”, Deus viu que fez Eugenio, Igor, Stefania, Eleonora, Laura, Pedro, João, “e viu que era muito bom”. Este olhar que, desde o princípio, Deus tem sobre mim não é, amigos, nada daquilo que poderia, de algum modo, nos definir. Nada pode eliminar esta questão: você é algo muito bom porque um Outro quis você, um Outro, desde o início do mundo, pensou em você e quis você como é. Você está aqui, hoje, porque é algo muito bom, você vale o mundo inteiro.

Pensem como o povo de Israel descrevia esta percepção de si, esta consciência de si: “Ó Senhor, nosso Deus, como é glorioso vosso nome em toda a terra! Vossa majestade se estende, triunfante, por cima de todos os céus. Da boca das crianças e dos pequeninos sai um louvor que confunde vossos adversários, e reduz ao silêncio vossos inimigos. Quando contemplo o firmamento, obra de vossos dedos, a lua e as estrelas que lá fixastes: Que é o homem, digo-me então, para pensardes nele? Que são os filhos de Adão, para que vos ocupeis com eles? Entretanto, vós o fizestes quase igual aos anjos, de glória e honra o coroastes. Destes-lhe poder sobre as obras de vossas mãos, vós lhe submetestes todo o universo. Rebanhos e gados, e até os animais bravios, pássaros do céu e peixes do mar, tudo o que se move nas águas do oceano. Ó Senhor, nosso Deus, como é glorioso vosso nome em toda a terra!”. Quem é você? Quem é você? Entendem? Você é o objeto da ternura de Deus desde o início, desde a origem. Hoje, eu desejo apenas olhar para mim da mesma forma que Deus olha para mim. Vocês se lembram de Padre Aldo, no ano passado, quando, com aquele grito, nos disse: “O único que não teve nojo do meu nada, do nada que eu sou, o único, Deus, que me alcançou, me tomou, abraçou, amou, ama o nada que eu sou”? “Olhai como crescem os lírios do campo; duram poucos dias. Entretanto, eu vos digo que o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles. Olhai os pássaros do céu [o que vale este pássaro?]: não plantam, não trabalham, no entanto nem um deles cai por

terra sem que Deus o queira. E vós, vós valeis muito mais [vocês, você], mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados”.

Uma das muitas cartas que vocês escreveram, diz: “Padre Eugenio, eu quero Jesus, eu tenho tanta sede, muitíssima sede de Jesus. Eu O vi, Ele se fez ver, e agora... nada. Desde julho que vivo numa aridez que me faz pedir, mas que me impede de encontrar a resposta. Sinto tanta falta. Você sempre diz que o importante é ter a pergunta aberta. Eu a tenho aberta, mas não O vejo, não O vejo mais. Sinto falta, sinto muita falta. Às vezes, até tento suprimir a pergunta, mas, juro, não consigo. Estou certíssima de que Ele existe, de que O reconhecerei, porém agora, agora, qual o sentido? Por que (isso me dá raiva), por que, antes sim e, agora não? O que quer de mim? Eu O quero agora”. “Eu O quero agora. Sinto falta de Jesus”. Sinto tua falta, ó Jesus? Olhem que esta pergunta, este grito – “Preciso de Ti. Preciso Te ver, agora, aqui e agora” – este grito coincide com o pedido: “Quero ser feliz agora. Quero aprender a olhar para mim mesmo como Tu me olhas, Deus, agora, neste instante. Sou mais, valho mais. Quero viver segundo a medida, a amplitude do meu coração, do meu desejo”.

Amigos, estamos aqui, para estes três dias [de encontro], porque queremos, desejamos poder olhá-Lo no rosto, olharmo-nos no rosto, não ter vergonha nem nojo do nosso limite, do nosso mal, do nosso nada. Esta noite – pensem que coisa! – chegou-me este aviso, esta notícia: “A mãe – em estado terminal –, ontem, disse aos filhos para irem ao Tríduo, mesmo sabendo que estava no fim (ela é médica). Esta manhã, um dos filhos ficou, o outro partiu. Durante a viagem, o pai telefonou dizendo que a mãe havia entrado em coma. Então, também o segundo irmão voltou, acompanhado por um adulto”. Amigos, mas quem é aquela mãe que, sabendo que estava no fim, diz aos próprios filhos: “Vão”. Mas que ternura é necessária, que amor é necessário, que consciência é necessária, que olhar terno deve ter esta mãe sobre si mesma (o olhar terno do Mistério) para poder dizer aos filhos: “Vão, vão ao Tríduo”.

Então, “vão ao Tríduo”, como disse esta mãe aos seus filhos, queremos que se torne o modo com o qual estamos diante destes gestos, destes momentos: curiosos, curiosos por ver uma vez mais Deus em ação entre nós, curiosos, apaixonados para levar a sério a nossa humanidade. E esta noite a palavra que queremos levar conosco é exatamente o Teu olhar, o olhar terno, único, afetuoso, apaixonado que Tu, ó Deus, tens para esta criatura que é cada um de nós. A Santa Missa, a Eucaristia, é a ternura de Jesus por cada um de nós: acontece agora, acontece neste instante. Dá-nos, presenteia-nos, Senhor, um coração livre, simples, apaixonado; permita a cada um de nós abrir a porta da nossa humanidade para que desejemos somente, Senhor, que Tu a preenchas e a leve à sua realização.

## SANTA MISSA DE LAVA-PÉS

### Homilia

João é o único evangelista que relata esta Páscoa, esta Última Ceia de Jesus com os seus amigos, e relata este fato que acabamos de escutar na leitura do Evangelho. Fico impressionado todas as vezes em que penso no que Jesus disse a Pedro: “Não entendes, agora não entendes, mas entenderás depois”. Quantas coisas, quanto da vida, quanto daquilo que Jesus fez naqueles três anos, os seus amigos, aqueles mais fiéis, mais próximos, aqueles que compartilharam tudo com ele, ainda não entendiam. “Não te preocupes”, é como se Jesus, naquela noite, tivesse dito a Pedro, e esta noite é como se Ele o dissesse a cada um de nós: “Não te preocupes. No tempo, o entenderás, na paciência, na convivência, entenderás. Entenderás aquilo que, porém, o teu coração, a tua humanidade já intui, entrevê. Aquela percepção de bem que não te tirará nem mesmo o drama da traição, mas aquela percepção de bem pela qual tu deverias renegar a ti mesmo, deverias ir contra a evidência do teu coração, daquilo que, em três anos, vislumbresse, que vislumbresse neste ano, nestes anos, esta noite... Aquela percepção de estar, no fundo, em casa. O teu coração, a tua humanidade, o teu grito, a tua necessidade encontrou uma casa”. E a reação de Pedro, que permanece, entre todos os discípulos, o mais instintivo (por isso, gosto mais dele): “Tu, Senhor, não me lavas os pés!”. Era o gesto dos escravos. Tu... diante da ternura de Jesus: “Pedro, olha que se não me permites que te laves os pés, não tomarás parte do meu reino”. “Lava-me inteiro!”. Quase dá vontade de rir, mas é como o nosso grito desta noite: “Jesus, toma-me inteiro, muda-me inteiro; quero Te dar tudo”. “Já te tomei”. Nesta ceia, nesta Santa Missa, Jesus disse a nós, a cada um de nós: “Tu já és meu. Já és totalmente meu. Já fazes parte, de modo indelével, do meu coração, por isso dou a vida por ti, ofereço tudo por ti. Não o entendes, não vês ainda? Verás, entenderás, mas eu não desistirei mais de ti”. Poder dizer a Ele com o mesmo ímpeto de Pedro (“Lava-me inteiro!”): “Senhor, toma-me, assim como sou, assim como cheguei, com tudo aquilo que não entendo, com todos os meus erros! Senhor, toma-me inteiro, torna-me uma coisa nova, faz que eu seja uma coisa nova, dá-me a tua amizade, permanece sempre comigo”. Aquela noite, dois mil anos atrás, é o início desta ternura de Jesus por todos os homens. Cada vez, cada vez que se celebra a Eucaristia, Jesus abre os braços, Jesus olha direto para você, nos olhos, e diz: “Tu és meu, não fujas mais de mim, não desistirei mais de ti. Mesmo se tu tentares escapar, eu dei toda a minha vida para ti, hoje a minha vida é dada para ti”. Saber que esta ternura é total, que este olhar é total, que este abraço de Jesus é total, é para toda a sua miséria, dá arrepios, enche os olhos de lágrimas: mas, quanto valho, Senhor, quanto valho se

valho a Tua paixão, a Tua morte, a Tua ressurreição?!

**Franco Nembrini.** Depois daquilo que escutamos, parece-me que fica mais fácil indicar a postura com a qual devemos viver estes dias, portanto serei breve.

Um de vocês, um amigo muito caro que não pôde estar aqui conosco, algumas noites atrás, fez-me esta observação; falávamos sobre o seu mal-estar, e ele me disse algo que me marcou muito: “A geração de vocês é mais afortunada do que a nossa”. E eu lhe disse: “Por quê?”. E ele me disse: “Porque da geração de vocês, aquilo que a ideologia levou embora foi a fé; conosco, fizeram pior: levaram embora a realidade, e assim nos deixaram sozinhos com os nossos pensamentos”.

Desde quando me disse isso, não paro de pensar a respeito. Parece-me que defina bem o problema, como Padre Eugenio nos dizia antes. Há um pequeno problema: ter a coragem de olhar a realidade, de olhar, de escutar, de deixar-se encontrar pela realidade. Onde poderá ser encontrado aquele olhar sobre o qual Padre Eugenio nos falava? Onde vocês o poderão encontrar, onde o encontramos até esse momento? Há dois mil anos, desde quando o Verbo de Deus se fez carne, aquele olhar habita a realidade, está dentro das coisas, está dentro da vida, está dentro dos sinais da vida, como o sacramento que acabamos de celebrar, ou como a amizade entre nós, ou como o amigo que convidou você para vir até aqui nestes dias e você nem mesmo sabia do que estaria participando. Há dois mil anos, aquele olhar, o olhar de que temos necessidade para viver, o único olhar capaz de nos dizer aquela coisa impressionante que Padre Eugenio nos lembrou – “Você é algo bom” –, aquele olhar habita a vida, habita a história, habita os nossos dias.

Então, a única recomendação que quero fazer a vocês é esta: pelo menos nestes dois dias, não fiquem sozinhos com os pensamentos de vocês, olhem, olhem incessantemente, escutem, deixem que a realidade venha ao encontro de vocês e, dentro da realidade, Aquele que a habita, Aquele que lhe dá sentido, Aquele que a faz viver, Aquele que vence – como veremos nestes dias – toda dor e toda morte e toda traição. Mas é preciso ter esta lealdade, esta coragem de estar na realidade, porque Deus é fiel e continua a fazer, desde aquele dia, aquilo que Padre Eugenio citou. Continua a fazer aquilo que sempre fez, as coisas que Deus deve fazer, as coisas que fez no início e continua a fazer todos os dias e toda hora: o nosso coração com o seu grito e a realidade que o fere, mas dentro da qual Ele o encontra.

Então, não vou nem lhes falar do silêncio a partir de tal hora... que sentido tem dizer “façamos silêncio a partir da meia-noite”? Serão dois dias de silêncio, serão quarenta e oito horas de silêncio, mas silêncio assim, silêncio nesse sentido. Falem, mas daquilo que conta; ajudem-se, mas a olhar, não a fazer os seus pensamentos girarem. Muitos entre nós deveriam ter aprendido isso no trabalho deste ano:

“Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade”. Que estes dias sejam dias de observação, sejam dias nos quais deixemos que a realidade interpele o nosso coração e o desperte, o desperte a si mesmo em toda a amplitude do seu desejo. Ajudem-se nisto, ajudemo-nos: nos ônibus, nos momentos livres, mesmo o dia de amanhã será menos puxado com os horários, tendo sido decidido que se mudasse o lugar da Via Sacra. Vai haver mais espaço também nos hotéis. Todo o espaço de tempo destes dias seja cheio desta atenção, deste olhar para as coisas, para aquilo que acontece, porque é naquilo que acontece que Deus se mostrará e mostrará aquele olhar que nos grita, que nos diz: “Você foi salvo”. Mas é preciso ter esta caridade uns com os outros. Se alguém perturba, corrija-o, digam a ele: “Não perturbe assim, não distraia, não tire o meu olhar, o meu coração, o meu pensamento daquilo que quero olhar, daquilo que está me atraindo a si. Não me distraia”. É isso, devemos mesmo nos ajudar. Tenham este ato de ternura por vocês mesmos durante estes dias, de modo que seja possível fazer experiência juntos daquilo que nos dizemos.

### SEXTA-FEIRA, 22 DE ABRIL, MANHÃ

**Padre Eugenio Nembrini.** Tinha a idade de vocês essa mulher, filha do povo de Israel, um povo que esperava há dois mil anos a realização do próprio coração, quinze anos. Não sei o que, naquela manhã, ou naquela tarde, ou naquela noite, Nossa Senhora estava fazendo. Todos nós imaginamos que, talvez, estivesse, não sei, de joelhos, rezando. Não sei o que estava fazendo, mas sabemos que era uma mulher esperando. Aquele grito que dissemos ontem, aquela necessidade de que alguém, alguma coisa, pudesse preencher e satisfazer a vida, era o modo com o qual enfrentava cada instante. E acontece aquele evento, aquele encontro que, através do seu sim, mudou o rosto da história e por causa do qual, hoje, estamos aqui. Nos olhos, no coração temos diante, nesta manhã, este grito, esta necessidade de Maria, para o qual o Mistério, através do Deus feito carne, responde plenamente.

*Angelus*

*Cantos: Lasciati fare, Al mattino*

### PALESTRA PADRE EUGENIO NEMBRINI

“Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína.”

Vejamos juntos um vídeo.

*Projeção do vídeo sobre o tsunami no Japão  
Canto: Se o Senhor não edifica a cidade*

Seja como for, é muito impressionante rever aquelas imagens e revê-las à luz daquilo que Jesus disse aos seus amigos. Mas, o que está de pé na vida? O que permite verdadeiramente que a vida... a imagem da casa é a imagem da sua vida, da sua humanidade. Mas o que permite, de verdade, criar raízes e faz com que tudo aquilo que o mundo, tudo aquilo que a realidade, tudo aquilo que a dramaticidade coloca diante de nós não permita desenraizar a nossa humanidade, o nosso desejo, como vimos naquelas imagens dramáticas? Uma potência impressionante, uma potência que em poucos segundos arranca tudo do lugar. Mas, infinitamente mais potente mesmo que um tsunami, ainda mais potente é todo o mundo que nos cerca, que está em torno de vocês: seria preciso parar, seria preciso tirar aquele coração, aquela necessidade, aquela pergunta. Não está distante de nós o risco do tsunami cotidiano. E então o grito, o pedido desta manhã: eu quero estar de pé, eu não quero ser arrancado da história, dos acontecimentos, das circunstâncias, do mal, do limite, meu e dos outros. Eu quero viver à altura do meu desejo. Eu desejo que se realize este grito, esta necessidade, este pedido de bem, de felicidade.

Nestes anos, de fato, está à vista de todos um mundo que está caindo: caiu a economia, e tantos entre vocês, tantos dos pais de vocês estão tendo dificuldades por causa da perda do trabalho, por causa de uma empresa em crise, por causa de uma dificuldade real de chegar ao fim do mês; caiu o equilíbrio político, aquela tentativa de estar de acordo na gestão da coisa pública, parece que o que há de mais precioso, de mais importante seja a zombaria, a briga, a acusação; mas está caindo bem diante de nossos olhos a tentativa de planejar o mundo, todo o drama, o momento dramático e ao mesmo tempo também grandioso daquilo que estamos

vendo acontecer sob os nossos olhos no norte da África. Vemos estas catástrofes pelo mundo a fora: nada mais está de pé.

A presunção do homem de poder responder ele mesmo àquele grito, àquele pedido, àquele necessidade – “Eu me basto. Eu seu como fazer” – está produzindo um desabamento, um desabamento não apenas do mundo que está ao meu redor, mas um desabamento do humano, de forma que os velhos (como eu dizia ontem à noite), os mais velhos, cínicos diante desta tentativa, malvados diante desta tentativa, nos dizem, dizem a você: “Deixe como está”. Não, eu não quero deixar como está. Mesmo que o mundo inteiro estivesse diante de mim me dizendo “é uma ilusão aquilo que você carrega no coração, é um sonho aquilo que grita na sua humanidade”, ainda que o mundo inteiro me dissesse “Eugenio, deixe como está”, eu lhe responderia, cada um de vocês, esta manhã, pode lhe gritar na cara: “Não quero me tornar cínico como você, não quero, não quero perder a riqueza da minha vida, a coisa mais preciosa que a vida porta consigo, que é exatamente esta necessidade, este grito, este pedido que a vida se realize, a humanidade se realize”.

Vocês estão se tornando grandes, amigos; há ainda um caminho a fazer. Vocês saíram, graças a Deus, há poucos anos, da infância, daquela que chamamos a idade da inconsciência (no fundo, tudo estava bem: bastava a mãe, bastava o pai, alguns amigos, alguns brinquedos, um pouco de caprichos, um sorvete daqui e um sorvete de lá, uma brincadeira hoje, uma brincadeira amanhã), um extraordinário momento que Deus presenteou a cada homem: cheio de vontade, curiosidade e desejo. Mas, se tornar grandes, amigos, é a coisa mais bonita, porque significa finalmente se tornar si mesmos. Vocês se lembram quando eram menores? Todos nos lembramos. Também eu me lembro, e quanta coisa fiz para me tornar grande. Vocês queriam ser tornar grandes. Mas, por que queriam crescer? Para poder escolher, entender, fazer, decidir, para aprender a usar finalmente a razão, a liberdade, para reconhecer este coração.

É impressionante: todas as cartas (e peço desculpas se não conseguir ler todas, mesmo porque tantas chegaram exatamente nestes últimos dias. Vou lê-las porque me convertem, me comovem, pois falam deste momento extraordinário que vocês estão vivendo enquanto crescem), mas todas as cartas descrevem estas – me permitam, heim! – crianças que não são mais crianças e que começam a tomar consciência da realidade, de si mesmos. Amigos, é fantástico, é extraordinário. E não é um esforço, é que vocês foram feitos assim, somos feitos assim. Uma planta, para crescer, basta que a reguemos; uma vaca, um porco, uma galinha, basta que se lhes dê o que comer para que cresçam. Para você, porém, não basta comer, não basta ter coisas; não nos basta que nos tornemos altos, fortes, porque queremos nos

tornar adultos. Um porco não tem o problema de se tornar adulto, uma vaca não tem o problema de se tornar adulta, mas você sim, porque você tem no coração, como medida do seu coração, aquele “feito à imagem e semelhança de Deus” que, traduzido, o que significa? Que solicita razão, pede razão, quer o significado das coisas, da vida, e este grito, de agora em diante, vocês o estão aprendendo, neste caminho de se tornarem grandes. Não depende das circunstâncias, bonitas, feias, positivas ou não; não depende das coisas que têm. É um grito, ponto. Tornar-se adulto, amigos, implica, de fato, você, pede você, pede que você esteja presente, pede um “eu” todo presente. Quando vocês eram crianças podiam ainda delegar a alguém, antes, essa é a grande brincadeira que se faz: quando quer ser pequeno diz à mãe que ainda é uma criança, quando quer fazer aquilo que quer, diz à mãe “já sou grande”. Delega-se a alguém. Agora não. No se tornar grandes não é mais possível delegar, não se pode mais fugir, não se pode mais escapar: cabe a você.

“Oi, Franco! Quero lhe contar como estou vivendo agora, porque, desde o encontro com Carrón, surgiu em mim a pergunta se estar na Igreja, nos colegiais, de fato, me é conveniente, e também o desejo daquele frescor de vida de que ele falava. Eu, é triste dizê-lo, mas sinto falta de quando eu era uma criança sem tristeza”. Amigo, sente falta de quando era criança sem tristeza: é um modo... é o risco, nesta passagem. Ao se tornar grandes, adultos, a realidade provoca, a realidade impulsiona, a realidade pergunta, interroga, dá raiva, faz rir, faz viver, faz com que venha à tona o quê? Toda aquela semelhança, aquela imagem de Deus. Você está ali, na soleira da porta. Às vezes, vai acontecer: entro ou não entro? Ah! Por favor! Não, volta atrás um passo. Por que vocês têm medo? Do que temos medo? Do nosso coração, do nosso grito! Mas, vocês preferem se tornar velhos, ou seja, que alguém ainda decida por vocês, faça por vocês, escolha por vocês, ou se tornar adultos, que finalmente tome na mão o seu coração, a sua pergunta, o seu grito, e entre na realidade, na vida? Certo, isso o desafia, o provoca. Não acontecia assim quando era criança; quando era criança, no fundo, tudo estava bem. Mas, que coisa extraordinária se tornar grande assim! O povo de Israel sabia disso. Quantas vezes Maria, na idade de vocês, terá lido este Salmo tão bonito, o Salmo 139: “Senhor, vós me perscrutais e me conheceis, sabeis tudo de mim, quando me sento ou me levanto. De longe penetrais meus pensamentos. Quando ando e quando repouso, vós me vedes, observais todos os meus passos. A palavra ainda me não chegou à língua, e já, Senhor, a conheceis toda. Vós me cercais por trás e pela frente, e estendeis sobre mim a vossa mão. Conhecimento assim maravilhoso me ultrapassa, ele é tão sublime que não posso atingi-lo. Para onde irei, longe de vosso Espírito? Para onde fugir, apartado de vosso olhar? Se subir até os céus,

ali estareis; se descer à região dos mortos, lá vos encontrareis também. Se tomar as asas da aurora, se me fixar nos confins do mar, é ainda vossa mão que lá me levará, e vossa destra que me sustentará. Se eu dissesse: Pelo menos as trevas me ocultarão, e a noite, como se fora luz, me há de envolver. As próprias trevas não são escuras para vós, a noite vos é transparente como o dia e a escuridão, clara como a luz. Fostes vós que plasmastes as entranhas de meu corpo, vós me tecesteis no seio de minha mãe. Sede bendito por me haverdes feito de modo tão maravilhoso. Pelas vossas obras tão extraordinárias, conheceis até o fundo a minha alma. Nada de minha substância vos é oculto, quando fui formado ocultamente, quando fui tecido nas entranhas subterrâneas. Cada uma de minhas ações vossos olhos viram, e todas elas foram escritas em vosso livro; cada dia de minha vida foi prefixado, desde antes que um só deles existisse”. É de uma beleza, de uma humanidade, de uma verdade impressionantes.

Posso fugir para onde for, posso me esconder, mas desta Tua presença – que inicialmente é este coração que me deste, este tornarem-se adultos, tornarem-se grandes – não posso escapar. Disto não posso escapar, sob pena de já me tornar velho, com quinze anos velho, com dezesseis anos velho, cínico e triste. Temos que decidir, amigos, se queremos já ser velhos ou começar esta aventura. “Companheiro de aventura de vocês”, nos disse Carrón no ano passado. É um desafio, um desafio extraordinário.

Vem-me à mente (vocês são jovens) um canto de Marisa Sannia (para aqueles mais velhos entre vocês), que dizia: “Há uma casa branca que”. Talvez alguém a tenha na memória: “Esta casa branca que todos não queriam deixar é a sua juventude, que nunca mais voltará”. Ela a cantava como se estivesse perdida, entendem? Como se fosse deixar aquela inconsciência. Nós, hoje, pelo contrário, gritamos, gritamos como escutamos no canto desta manhã: “Pela manhã, Senhor, pela manhã, a minha ânfora está vazia na fonte, mas sei que podes me tornar grande, Senhor”. Nós, hoje, queremos gritar para Marisa Sannia e para todo o mundo. Quero aceitar o desafio, queremos aceitar o desafio. Estamos na soleira da porta, começamos a entrever, começamos como... como aquele buraco de fechadura que há em Roma, não me lembro onde, numa das colinas de Roma, tem uma casa que, olhando da fechadura, do buraco da fechadura, se vê o Cupolone. Os turistas, sobretudo os asiáticos, ficam ali olhando o Cupolone. Bem, somos um pouco assim: do buraco da fechadura. Mas, se vê, se entrevê o Cupolone. Começamos, amigos, a ver. Estamos na soleira da porta. O belo ainda está por vir, todo o belo ainda está por vir, hoje o intuímos, o percebemos, começamos vendo o seu alvorecer, o nascimento, o início. Porém, sejamos leais, amigos: não

podemos atravessar a soleira carregando aquilo que nos bastava quando éramos crianças. Para isso, você precisa ser mentiroso consigo mesmo. O brinquedinho, o sorvete, o capricho, na nossa idade, na idade de vocês, muda de forma: vai virar uma lambreta, o cigarro, a garota, a discoteca, as roupas de marca, os amigos, o não depender. Sejamos leais, amigos, leais com o nosso coração! Não é possível atravessar esta soleira carregando como forma ainda uma vez “eu respondo, eu provo”. Deixemos tudo para trás, carreguemos apenas este grito, esta pergunta, porque o que está em jogo é o reconhecimento do que, de quem está à altura do desejo de vocês, quem responde a este nosso desejo. A realidade me move, a realidade me apaixona, a realidade me interroga, urge em mim um significado, e você quer enfrentar esta pergunta, este coração infinito com a lambreta, com a namorada, com o dinheiro? Não são coisas feias, mas você sabe, você sabe, você sabe que não basta. Escancarem, amigos, olhos, coração, energia. Somos grandes! Vocês são grandes! E algo grande acontece: que cada vez que a sua vida vê, intui, percebe, faz experiência de uma resposta, o coração não se bloqueia, não para e diz “está tudo bem”. Acontece algo incrível: o coração parte a mil por hora. Aquela necessidade, aquela pergunta, aquele desejo de felicidade fica como que numa descida; como encontra algo que responde aumenta a descida, aumenta a velocidade, é um homem, é um eu que grita mais, pergunta mais, pede mais. Que coisa impressionante!

Mas Maria pedia o quê naquela manhã? Não o sabia. Não podia pedir Jesus: não existia... Pedia a realização da sua vida. Mas o jovem rico, quando vai até Jesus, por que foi até Jesus? Tem tudo no lugar, é alguém que tem tudo, é um bacana, é uma pessoa também boa. Mas, por que vai até Jesus? Vai até Jesus porque pergunta: o que pode realizar o meu coração? Tinha entrevisto que, neste homem, talvez pudesse existir a resposta para aquele seu grito. Mas, Nicodemos que vai à noite até Jesus, o que buscava? O que um homem busca? E todos os pobres cristos, todos os pobrezinhos que tinham como riqueza do seu grito apenas a sua pobreza, o seu drama humano: a doença, a morte, o sofrimento, ou ainda pior, o drama do próprio mal que fecha o coração, tinham como riqueza a sua fragilidade. Mas a todos, a todos Jesus disse: “Vinde e vede”, “Vinde e vede”, venha e experimente se este coração que eu te dei desde a origem é uma enganação, se aquele pedido de bem é uma enganação ou é, de fato, o início, aquilo que permite a experiência, na realidade, da realização da sua vida.

“No ano passado, você nos disse que Cristo pode responder. Pena que eu não consiga mais reconhecê-Lo. Preciso que a Sua presença seja algo de carnal, não algo escondido em mil frases muito bonitas, pré-fabricadas. Não sei por que me

acontece isto, não sei como resolver isso, não sei a quem pedir. Em suma, não sei mais nada. É tão grande esta tristeza que, quando fico diante dela, começo a chorar e as minhas pernas tremem porque, sozinha, mesmo se eu me jogasse inteira, nunca conseguiria encontrar uma solução. Evidentemente não sou a super-mulher que resolve tudo, que acreditava ser”.

“Tenho quinze anos. Escrevo porque quero lhe contar uma experiência que estou fazendo há alguns meses e que, de fato, me desconcertou. Há algum tempo me dei conta de que nada mais me basta. Explico. Tudo começou há um tempo, quando eu me sentia insatisfeita com tudo o que eu fazia (escola, estudo, casa, até mesmo as noites com os meus amigos). Eu pensava: é só um período, acontece, depois passa. Não é assim. Esta insatisfação crescia sempre mais e o que me cansava mais era que eu me sentia assim também depois das noites passadas junto com os meus amigos dos colegiais. Era o que eu mais desejava, aquilo que eu desejava para toda a minha vida desde quando eu era criança. Hoje, começo a me dar conta de que também a experiência dos colegiais não me preenche como antes. Desmoronou a terra sob meus pés. Neste inverno, comecei, depois de uma série de problemas, a viver a realidade como nunca havia feito. Eu estava feliz de ficar em minha casa, de estar com meus amigos. Cristo era aparente em todos os lugares. Pela primeira vez, me senti livre, amada por aquilo que sou. Não me cansava de buscá-Lo: nas aulas da escola, nas assembleias, no desafio com os professores. Agora, porém, não sei o que está me acontecendo: sinto-me fraca, não sei mais porque tenho meus amigos, não tenho mais vontade de viver. Em certo sentido, me sinto enganada. De fato, são dias duros, muito duros. A dor é forte, provocante, de tal forma forte que, às vezes, me sinto sem ar. Aquele bem-estar, aquela paz me fazem falta como o ar. Há cerca de um ano, pela primeira vez eu dizia ‘sim’ a Jesus. Dia após dia, sempre mais fortemente, sinto que a única coisa que quero, de verdade, é ser Sua, que Ele seja vital, decisivo. Mas, hoje, sinto nojo de mim. É como ter um buraco no peito que cresce, me come, me consome. Será que nunca mais conseguirei estar bem?”. E mais à frente: “Estou cansada, estou cansada de ser eu mesma, não gosto do que sou, do que faço, de como me comporto em família, com os amigos. Estou cansada porque, a cada vez que acredito ter dado um passo para frente, no instante seguinte me parece que tudo está igual a antes. Faço um monte de coisas, faço esporte, toco piano, trabalho, tenho muitos amigos, mas nunca tenho um momento para mim, e as coisas passam por mim, não me mudam”.

Amigos, tenho uma centena de cartas assim, que vocês me mandaram. Qual a diferença se comparadas com as cartas do ano passado? Vocês se lembram quantas cartas, no ano passado, diziam: “Tenho, tenho, tenho... mas tenho um buraco, me falta ainda...”. Este ano, vocês me escreveram: “Vi, encontrei por um mês,

por dois meses, por três meses direto, por três meses me senti feliz como nunca antes, verdadeira, grande, mas agora tudo acabou”. Amigos, é preciso se tornar grandes. Tento responder a esta pergunta com um trecho que vocês já conhecem. “Sempre em caminho para Jerusalém, Jesus passava pelos confins da Samaria e da Galileia. Ao entrar numa aldeia, vieram-lhe ao encontro dez leprosos, que pararam ao longe e elevaram a voz, clamando: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós! Jesus viu-os e disse-lhes: Ide, mostrai-vos ao sacerdote. E quando eles iam andando, ficaram curados. Um deles, vendo-se curado, voltou, glorificando a Deus em alta voz. Prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradecia. E era um samaritano. Jesus lhe disse: Não ficaram curados todos os dez? Onde estão os outros nove? Não se achou senão este estrangeiro que voltasse para agradecer a Deus?! E acrescentou: Levanta-te e vai, tua fé te salvou”.

Tentemos nos identificar com aqueles dez. Procuram Jesus, a humanidade deles urge, a pergunta... (e vocês sabem que o leproso era afastado dos vilarejos, não podia mais viver no meio das pessoas, não podia mais ficar na sua casa: fora, distante de todos),urgia um pedido de bem: “Jesus, Mestre, tem piedade de nós”. Jesus não os cura, os manda ir aos sacerdotes, e, no caminho, enquanto vão aos sacerdotes, são curados. O que acontece? O que terá acontecido naquele momento? O mais jovem deles, talvez aquele que tinha uma namorada que foi obrigado a deixar, deve ter corrido para a casa da namorada, tirando de si as ataduras que carregava: “Joana – se se chamasse Joana –, eu estou aqui!”. “Mas, o que lhe aconteceu?”... mas, sobre o que ele terá falado com a namorada? De Jesus, entendem? De Jesus. Teria dito: “Nesta manhã, o vimos, o encontramos. Caramba! Ele nos disse: ‘Façam assim, vão até ali’. Olha para a minha pele! Novo!”. E depois, os parentes chegariam, os amigos, aqueles com quem ele brincava... com quem jogava baralho de noite. E aquele outro, aquele que talvez tivesse uma família, mulher, filhos... mas, com que alegria correria para casa para dizer para a mãe, para dizer à sua mulher, para dizer aos filhos “Estou aqui, estou curado!”, e ele também, certamente teria contado para os parentes, para os amigos, durante alguns meses, teria falado... de quem? De Jesus. Nove que, por meses, teriam falado de Jesus. Amigos, teriam falado de Jesus sem O ter encontrado, sem que aquele Jesus se tornasse o objeto de sua ternura. Todo aquele grito que tinham naquela manhã: “Mestre, Jesus, tem piedade de nós!” não se tornou atração, a forma, o pedido. Tornou-se a recordação de algo extraordinário, mas voltaram para trás, ultrapassaram pelo lado errado aquela soleira sobre a qual eu lhes falava esta manhã: tornaram-se crianças. Um, através daquele fato, através daquele gesto, através daquele encontro... certamente ele também se viu curado, mas intuiu, entendeu que aquela cura, ou seja, aquela resposta a toda a sua humanidade que gritava desde a manhã, tinha encontrado o



rosto, tinha encontrado a forma. Na realidade, na vida, havia alguém que podia responder a todo o seu grito humano, e voltou, voltou até Jesus. Entendem a diferença? Todos falam de Jesus, mas nove já O arrancaram fora: tornou-se uma recordação do passado, um fato extraordinário, mas que não tomou o coração deles.

Como se chama? Como se chama este percurso? O que é isto que permite ao décimo leproso voltar? Chama-se juízo. Julgar. Amigos, “não O vejo mais. Não O escuto mais. Não O percebo mais. Eu O vi”... poderíamos correr o mesmo risco também nós, hoje, porque hoje, como então, é a mesma coisa. Podemos falar de fatos de um ano atrás, de seis meses atrás, dizer com toda a intensidade do nosso coração, “Eu O vi”, mas não colocar em jogo aquela que é a riqueza maior da nossa humanidade, a razão, aquela capacidade de julgar aquilo que vimos há um ano, aquilo que vimos há seis meses, aquilo que vimos ontem, comparado com a exigência do coração. Não se preocupem se não entenderem, não se preocupem se não virem tudo. A beleza deve ainda chegar. Mas, Maria, aquela garotinha de quinze anos, naquela manhã, quando o anjo foi embora (“E o anjo afastou-se dela”), ficou sozinha, entendem? Não tinha amigos ao seu redor, não podia falar com José. O que disse a José? O que poderia dizer, naquela manhã, a José? Sozinha, sozinha. Mas, se tinha uma coisa clara para esta mulher é que não estava mais sozinha, estava, dali em diante, totalmente tomada, a tal ponto que, no seu seio, nascia, surgia, crescia o Messias, Jesus. Mas, com que curiosidade Maria terá esperado a primeira semana, o primeiro mês, e começava a sentir a criança... o coração da criança, e começava a colocar a mão na barriga e o sentia se mexendo. Mas, o que será? O que será este menino? E quando o tiver ali, no primeiro dia, tão logo tiver nascido, chorando como todas as crianças, sugando o leite como todas as crianças... Mas, quem, quem, quem poderia ter pensado... Maria poderia ter imaginado viver aquilo que hoje viveremos juntos: a paixão, a morte de Cristo na cruz? Quem? O anjo, naquele dia, não lhe deu um livrinho O que acontecerá nestes trinta e três anos, de forma que, de manhã, Nossa Senhora corria para ler: “Bem, hoje, o que está escrito?”... Curiosa, totalmente tomada, afeiçoada. E quem sabe aquele pedido, e quem sabe aquela necessidade de bem, e quem sabe aquele grito como aumentava dia após dia, vendo Jesus crescer, vendo Jesus se mexer, vendo Jesus sofrer, morrer na cruz.

É preciso um Jesus presente, é preciso a contemporaneidade de Cristo. Porque para este grito que nos contaram, para esta tentação que todo o mundo nos diz – “Está vendo? Não está mais aqui. Está vendo? Fez você saborear, ver, mas não está mais aqui” – é preciso um eu presente. E quando digo um eu presente digo: é preciso eu na realidade, agora, com tudo aquilo que nos dissemos esta manhã, e um eu presente, um Tu presente, é preciso Jesus que acontece agora, capaz

ainda uma vez de arrastar o meu coração.

Mas, é preciso ser leais, amigos. Que é mais verdadeiro e mais potente: aquilo que aconteceu a você, aquilo que você começou a entrever ou o cansaço de não entender tudo até o fundo, de não ver tudo claramente até o fundo? Para Maria era mais potente aquele menino que estava crescendo, aquele menino que tinha diante dos olhos, aquele menino que se tornava grande, aquele menino que, como todas as crianças, desde criança, obedecia à mãe e que, se tornando grande, começava a dizer “Mãe, tenho outro caminho a fazer: devo realizar aquilo que a minha humanidade grita, aquilo que o meu coração grita”. Também Jesus tinha que fazer este caminho, mesmo Ele não tinha o livrinho de instruções. Quando nasceu, nem mesmo Jesus tinha o manual para aquilo que deveria acontecer: tinha o Seu coração, a Sua humanidade, homem até o fundo como cada um de nós. Mas, é mais potente isto ou vence aquele velho cínico que habita em cada um de nós? Fora, velho: não o queremos mais, amigos! Encontrar Jesus, ser cristãos é uma “trapaça” porque implica um homem grande. Vocês querem ser pequenos? Até tem quem queira ser pequeno, continuar criança, e sustente isso. Nós queremos nos tornar grandes, adultos. Não é uma trapaça, mas ter saboreado, ter visto, ter entrevistado a resposta para todo o nosso coração faz com que ele deseje ainda mais e sinta a falta ainda mais. Então, nos tornamos pobres, pobres e cheios de pedido.

Queria terminar com aquele trecho fantástico, o comentário que Dom Giussani faz daquele primeiro encontro: “Vinde e vede”, para entender, para nos identificarmos com aquilo que o nosso coração deseja e com aquilo que, se estamos aqui, já aconteceu para o nosso coração e para a nossa humanidade, pois de outra forma estaríamos rodando por aí como todos, procurando, imaginando outra resposta. Mas, para nós, já aconteceu.

“Finalmente veio este João, chamado o batista, que vivia de maneira tal que todas as pessoas ficavam impressionadas com ele, e, desde os fariseus até o último camponês, deixavam suas casas para ir ouvi-lo falar, pelo menos uma vez. Se eram muitos ou poucos, não sabemos; o que sabemos é que naquela ocasião lá estavam dois que vinham pela primeira vez, e estavam todos atentos, com a boca aberta, na atitude de quem vem de longe e vê o que veio ver com uma curiosidade sem restrições, com uma pobreza de espírito, uma infantilidade e uma simplicidade de coração [...]. A certa altura, uma pessoa se destaca do grupo e vai-se embora pela trilha que sobe o rio. Quando essa pessoa se mexe, o profeta João Batista, repentinamente inspirado, põe-se a gritar: ‘Eis o Cordeiro de Deus. Eis Aquele que tira os pecados do mundo’. As pessoas não fazem caso [...]. Mas aqueles dois, com a boca aberta e os olhos arregalados como duas crianças, veem para onde se dirige o olhar de João Batista: para aquele indivíduo que está indo embora. Então,

instintivamente, saem em seu encaço, seguem-no, tímidos, envergonhados. Ele percebe que alguém o segue. Volta-se: ‘O que quereis?’ ‘Mestre’, respondem, ‘onde moras?’ ‘Vinde e vede’, diz-lhes gentilmente. Vão, ‘e viram onde morava, e ficaram com Ele todo aquele dia’. Nós nos identificamos facilmente com esses dois ali sentados, vendo aquele homem falar e dizer coisas que nunca ninguém tinha ouvido, mas tão próximas, tão pertinentes, que repercutiam tanto neles. [...] Eles não entendiam, estavam simplesmente presos, arrebatados, extasiados por aquele modo de falar: olhavam-No falar. Pois foi por ‘olhar’ [...] que alguns homens se deram conta de que havia entre eles algo inenarrável: uma Presença não apenas inconfundível, mas incompreensível, e que mesmo assim os invadia. Invadia porque correspondia ao que o coração deles esperava, de um modo a que nada se comparava: seu pai e sua mãe não lhes haviam dito, quando eram pequenos, com a mesma evidência e eficácia, aquilo por que o tempo de sua vida valia a pena ser vivido. Não puderam nem souberam dizê-lo; diziam muitas outras coisas corretas, boas, mas como fragmentos de algo que era preciso tentar agarrar no ar para ver se uma partícula se encaixava na outra. Uma correspondência profunda. [...] À medida que as palavras chegavam até eles, e que o seu olhar, atordoado e admirado, penetrava naquele homem, eles sentiam-se mudar, sentiam que as coisas mudavam: o significado das coisas mudava, o eco das coisas mudava, o caminho das coisas mudava”.

O relato não termina aqui, pois Giussani imagina a volta de João e André para casa, depois do encontro com Cristo: “E quando voltaram, à noite, ao cair da tarde – muito provavelmente percorrendo aquele mesmo caminho em silêncio, pois nunca tinham falado um com o outro como naquele grande silêncio em que um Outro falava, em que Ele continuava a falar e a ecoar dentro deles –, e chegaram a sua casa, a esposa de André, encarando-o, disse: ‘Mas o que é que você tem, André, o que é que você tem?’ E os filhos pequenos, pasmos, olhavam para o pai: era ele, sim, era ele, mas era ‘mais’ ele, estava diferente. Era ele, mas estava diferente. E quando – como dissemos uma vez, comovidos, usando uma imagem fácil de pensar por ser tão realista – ela lhe perguntou: ‘O que aconteceu?’, ele abraçou-a. André abraçou sua mulher e beijou seus filhos: era ele, mas nunca a havia abraçado assim! Era como que a aurora ou a alvorada ou o crepúsculo matutino de uma humanidade diferente, de uma humanidade nova, de uma humanidade mais verdadeira. Quase como se dissesse: ‘Finalmente!’, sem crer nos seus próprios olhos. Mas era evidente demais para que não acreditasse em seus olhos!” (Giussani, L., *O tempo se faz breve. Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Notas das meditações*. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, pp. 23-25).

Voltando para casa, faziam o caminho em silêncio; não vazios, em silêncio, porque estavam cheios da presença de um Outro. É o modo com o qual queremos estar hoje, amigos, entre nós, ao sair do salão, ao voltar para o hotel, ao comer, ao retornar hoje à tarde para a Via Sacra, porque queremos ouvi-Lo falar outra vez, queremos este coração, este pedido, estas cartas, que este grito que vocês disseram volte a ser cheio d’Ele, carregado d’Ele. E esta noite, quando voltarmos ainda outra vez para o salão, para escutar alguns de nossos amigos, que nos contarão sua história, sua tentativa de preencher aquele coração, e que os levou a uma vida dramática, até quando – como João e André naquele dia – aconteceu também com eles: eram ainda eles, mas “mais” eles mesmos. É aquele famoso cêntuplo aqui. Tudo se torna “mais”, tudo se torna “mais”, cem vezes mais. E pessoalmente, hoje, tenho nos olhos... esta noite, não consegui dormir e li e reli tantas vezes este trecho de João e André. Não sei qual o rosto que João e André tinham, mas no ano passado – vocês sem lembram? – eu li para vocês a carta do chinês que saiu da prisão e contei a vocês a história de Bledar, o albanês. Bem, amanhã à noite, Ye Wu, o chinês, será batizado e receberá a crisma do Bispo de Pádua, na Liturgia da Vigília Pascal e vai assumir o nome João, e Bledar, em dez dias, receberá o batismo e a crisma na prisão. Com qual nome? Com o nome de André. Então, esta noite, eu lia sem parar o trecho de João e André, e tinha nos olhos Ye Wu e Bledar. Reacontece agora, como então.

SEXTA-FEIRA, 22 DE ABRIL, NOITE

## TESTEMUNHOS

*Cantos: Favola, Negra sombra*

**Franco Nembrini.** Pedimos a estes nossos amigos que nos contassem sua história porque – tendo-os conhecido antes – nos pareceu que suas histórias permitam a cada um de nós ler melhor a própria história. São histórias de sofrimento, histórias de dor, são garotos da comunidade do Imprevisto guiada por Silvio Cattarina, que está aqui do meu lado, e que agora se apresentarão brevemente, contando-nos sobre si e o encontro de cada um com uma proposta que lhe salvou a vida.

Por que lhes pedimos que testemunhassem esta noite? Exatamente por esta razão. Não tanto por causa de uma excepcionalidade de experiência, mas porque nos pareceu que a história que viveram nos ajuda a ler como numa lente de aumento

a nossa; viveram situações extremas, cujo percurso é o mesmo que o nosso. A diferença é que, nelas, se vê com uma evidência clamorosa.

Então, escutemos o que têm a dizer e depois façamos... um bate-papo. Vejamos as perguntas que, aos poucos, surgirão em nós.

**André.** Então, me apresento: sou André, tenho 19 anos e venho de Bolonha. Entrei na comunidade no dia 12 de fevereiro de 2007. O que dizer? Antes, eu era – digamos – um garoto cheio de problemas porque a minha família era muito complicada. Não me considerava muito. O que eu desejava não era o que eles poderiam me dar. Eu era mal cuidado, era deixado sozinho, e portanto tentava me fazer notar de alguma maneira. O relacionamento deles comigo era limitado, ou seja, eles conseguiam me dar até certo ponto; porém, como eu desejava mais, ou seja, eu desejava algo que ia muito além do que eles podiam me dar, isto sempre me colocou em dificuldades, e então eu tentava fazer coisas que me agradavam, para tentar tirar de outras coisas aquilo que eles não conseguiam me dar. Com eles foi, e ainda é, uma grande dificuldade. Depois – como disse – eu entrei na comunidade; depois de alguns meses na casa dos meus assistentes sociais, com a ajuda de um juiz, me deram dois anos de experiência junto à comunidade de Silvio. Quando entrei não sabia onde tinha chegado, o que era uma comunidade, o que me esperava. Tendo 14 para 15 anos, eu era muito pequeno e não sabia o que fazer, e portanto não aceitava nada. Tudo o que me era dito não me parecia justo, porque, segundo eu pensava, existia apenas a palavra de minha mãe. Aquele pouco que eu conseguia dar para mim mesmo eu tomava como uma coisa santa, digamos, e portanto eu a valorizava ao máximo. Depois, na medida em que os meses passavam na comunidade, consegui entender que aquilo que eles não conseguiam me dar, eu devia procurá-la em outros lugares; e em outros lugares quer dizer em Silvio, nos agentes, nas pessoas que estão em Pesaro e que me fizeram crescer. Tive que trabalhar muito sobre a minha família, porque eles eram tudo o que eu tinha e, portanto, eles eram tudo o que existia para mim. Porém, comecei a entender que era momento de mudar, quando entendi que a distância da família, de minha mãe, não era apenas uma dor ou um desprezar, mas também uma maneira de me fortalecer. Servia para que eu entendesse o que eu queria da minha vida, do que eu tinha necessidade, e que aquilo de que eu tinha necessidade não eram coisas que minha família me dava. Através da comunidade, comecei a entender quais eram as coisas indispensáveis: um relacionamento com pessoas, um confronto, uma amizade. Na medida em que batia os dentes e a cabeça, eles me ajudavam. Eu era muito cabeça-dura, não entendia nada e, mais do que qualquer coisa, não queria entender; porém, eles eram capazes de ser mais teimosos do que eu e conseguiam

me fazer entender do que eu precisava. Lutavam, lutavam até que eu conseguisse dar um juízo sobre a minha vida, sobre aquilo de que eu precisava. Agora, acredito que eu seja uma pessoa “quase séria”, depois de três anos passados na Imprevisto, concluí o meu percursos e vivo num apartamento que a comunidade oferece aos rapazes que acham que ainda não conseguem voltar para as próprias famílias. Ainda não acho que posso voltar para minha mãe, exatamente por causa daquilo que eu disse: desejo coisas melhores para mim, coisas grandes. E estas coisas grandes eu descobri que as posso encontrar em Pesaro, onde existem pessoas que, agora, se tornaram muito importantes para a minha vida. Primeiro, o relacionamento com os agentes era uma relacionamento de agente/usuário, ou seja, era algo, digamos, frio. Agora, porém, eu me permito dizer, com um grande respeito, que se tornaram amigos para mim. Mesmo com Silvio é assim. A tal ponto que nos fazem conhecer suas famílias, ou seja, alargam o nosso conhecimento. E mesmo com eles nasce um relacionamento fantástico, que não para ali, numa questão de trabalho para eles, vai muito além disso. Isto é algo muito grande para mim, porque me faz entender o quanto eles estão ligados a mim e, conseqüentemente, o quanto eu estou ligado a eles. É por isto que eu estou contente de tê-los conhecido, de tê-los encontrado, porque conseguem me dar aquilo que a minha família nunca conseguiu me dar, e é por isto que eu os amo tanto. Agora, eu retomei os estudos, estou no segundo ano, num instituto profissional. Retomei os estudos porque, na minha família, não há ninguém com um diploma, e eu me coloquei este objetivo: quero ser o primeiro da minha família a obter o diploma. Portanto, recomecei do primeiro ano, agora estou no segundo e com este objetivo seguirei em frente. Com a consciência de que quero algo de mim, quero este diploma, quero mais. Fiz uma escolha muito importante, para mim: a de querer receber tanto a Crisma como a Comunhão. Antes, o relacionamento com Deus era muito superficial, não existia. Mas, entrando em contato com estas pessoas, entendi que é muito importante, porque, por exemplo, se eu estou aqui, ou mesmo se aconteceu a minha mudança, não o devo a mim ou a Silvio ou a alguma outra pessoa. A única pessoa a quem devo é a Deus, que tornou possível isto. Agora, estou neste apartamento, vivo com outros quatro rapazes com quem nasceu um relacionamento muito forte, uma amizade que, antes, eu não pensava que fosse verdadeira. Fico muito contente com isto e espero que esta amizade continue para sempre.

**Alessandra.** Oi para todos. Eu sou Alessandra, tenho 19 anos e venho de Fermo. O meu problema com as substâncias começou quando eu tinha 12 para 13 anos. Como muitos jovens, comecei com as drogas mais leves, para depois acabar muito rapidamente a tomar heroína todos os dias. O caminho que eu estava percorrendo

me deixava o tempo inteiro com raiva, desconfiada e sozinha. Não tinha mais relacionamento com os meus pais, porque eu era obrigada a mentir o tempo inteiro. Mas, não queria continuar naquela vida. Entrei na comunidade em agosto de 2008, depois de várias tentativas com o SerT [Serviço de Toxicodependência]: não conseguia enfrentar somente com os remédios, eu precisava de algo mais. Por isso, entrei na comunidade. Passei as primeiras semanas observando muito. Tentava entender o que essas pessoas queriam de mim. Elas me ajudavam, porém eu queria entender o que havia por trás, e se tinha algo por trás. Mas, quanto mais o tempo passava, tanto mais ficava claro que estas pessoas tinham recebido muito da vida e, com tanta simplicidade, procuravam fazer o mesmo com os outros, e por isso se instaurou um relacionamento de amizade. Eu estava na comunidade feminina, porque somos divididos, e portanto eu ficava com 14 ou 15 garotas. Para mim, não foi simples, porque eu estava habituada a um tipo de relacionamento diferente; por exemplo, quando ficava com raiva, eu costumava bater nas pessoas, não encontrava outra forma de me expressar. Porém, na comunidade, se faziam duas assembleias por dia, o que, para mim, parecia absurdo. Eu me dizia: “Mas, será preciso falar tanto?”. E, pelo contrário, para mim, foi uma descoberta e tanto: eu era capaz de falar, só que nunca tinha tido a oportunidade. Mesmo com as garotas há um relacionamento de amizade muito forte, não é mais aquela coisa do tipo “eu lhe dou dinheiro e você me dá aquilo que me interessa”. Eles lhe dizem coisas porque querem que você esteja bem, querem o seu bem. Os meus pais se separaram quando eu tinha mais ou menos três anos. Não tinha relacionamento entre ele, brigavam o tempo inteiro diante de mim, sem problemas, de forma que eu me habituara. Quando entrei na comunidade, aos poucos, se instaurou um relacionamento entre mim e eles. Redescobri também isto. E depois – o que dizer? – a comunidade, para mim, é um lugar de esperança, onde tem alguém que acredita em você, quando você já não dá conta. Tem alguém que acredita que aqui, no meio de nós, tem Algo de grande, Algo que ama você, que sempre amou você e, para mim, isto foi uma coisa bonita. Agora, também eu estou na casa “de reinserção”, somos quatro, e eu estou muito bem. Somos quatro garotas com características muito diferentes, portanto acontece muito frequentemente que brigamos, porém, entre nós, seja como for, há algo que vai além, de forma que estou bem com elas. Ainda não retomei os estudos e não sei se o farei, ainda estou pensando a respeito, e estou fazendo um estágio num bar, onde encontrei um chefe que é mais que um chefe, é um amigo, e eu gosto muito dele... Outro encontro, em suma. Estou redescobrendo tantas coisas sobre as quais eu nem pensava. Por isso, obrigada a todos.

**Massimiliano.** Boa noite a todos. Eu sou Massimiliano, tenho 22 anos e sou de Verona. Cheguei à Imprevisto há quatro anos e entrei na comunidade porque eu carregava comigo muita raiva e sofrimento. Eu vivia com raiva de todos, não aceitava que ninguém se aproximasse de mim, do meu coração e me dissesse o que era justo para mim. Tinha tantos desejos dentro de mim, tantas expectativas quanto à minha vida, porém nunca encontrei a via para deixá-los sair; e ficava cada vez com mais raiva de mim mesmo. Tendo entrado na comunidade, no início foi um sofrimento: a única maneira de me relacionar com as pessoas era traindo-as e as abandonando, como fazia sempre que olhava para a minha família. Tão logo entrei, não queria seguir aquilo que me era pedido, porque não me interessava. Mas, fazia pior: fingia seguir, mas pouco me lixava com o caminho. Depois de um tempo, explodi. Não conseguia mais sustentar aquela situação. Fugi uma vez, voltei, no dia seguinte fugi de novo; estava indo embora e quando estava quase na estação, em Pesaro, vi que se aproximou um carro. Era o agente que estava na comunidade naquele dia. E diz: “Volta, vai! Fala alguma coisa, para entender bem o que fazer antes de ir embora”. E eu: “não, não”. Mas, depois, não tendo muita resistência, disse: “Ok. Entro”. Voltei para a comunidade. Lá, o responsável, Dicio, me esperava. Fomos até o seu escritório, e nos fechamos lá dentro e... não me lembro bem o que nos dissemos, porque falamos pouco. Lembro-me apenas de que sempre me dizia: “Mas, para onde quer ir? Por que quer ir...?”, ou seja, sempre me provocava. Depois de um pouco ali, saí. Abraçamo-nos. E desde aquele abraço, redescobri tudo. Finalmente me senti totalmente abraçado, como nunca me havia acontecido na vida, mesmo se eu tivesse tido ao meu lado tantas pessoas que podia ter feito o mesmo gesto, ou tenham tentado me dizer certas coisas. Porém, naquele momento, vi este bem que vai além dos seus limites, que vai além daquilo que você é, mas olha para você inteiro. E isto me abriu a um olhar mais fiel e mais agudo para o meu coração. Cada vez que penso sobre isso, é uma coisa verdadeiramente comovente e me faz dizer: caramba, aconteceu justo comigo? Olha que sorte! Ou então, foi Alguém que se moveu. Desde aquele dia, comecei um pouco a escutar mais, a me confiar a quem havia na comunidade, a escutar os rapazes que estavam ali há mais tempo, a escutar os agentes, Dicio, Valeria, Silvio e todos os demais. Com muita dificuldade, com muitas recaídas, comecei a emergir segundo aquilo que eu era. Porque, no início, aquilo que me impedia de me mover na direção daquilo que a comunidade me pedia era um medo louco de emergir, segundo aquilo que eu era, então eu me fechava como uma ostra. Depois de dois anos na comunidade, decidimos juntos que era mais justo para mim ficar em Pesaro. Agora, vivo na casa de reinserção com Andrea, Emilio, Mauro e Roberto. Este também é um dom que

me preenche todos os dias, é algo muito grande. Os agentes, agora, não são mais o “agente”, são parte integrante da vida: eu me sinto aceito como um filho por eles. É algo fantástico ser filho em vez de ser aquilo que não é o seu papel ser. Ser filho e olhar com eles, julgar as coisas juntos. Isso sempre me faltou e, hoje, me enche de satisfação na vida, de alegria em tudo; mesmo no relacionamento com a minha família, com minha mãe, que antes não conseguia nem mesmo olhar no rosto e dizer “amo você”. Agora, devagar, conseguimos e é algo fantástico dizer à própria mãe... olhar para ela e dizer “Mãe, amo você”, arrancando tudo aquilo que tinha antes, porque não serve mais. E isto é fantástico.

**Enrico.** Olá, pessoal! Sou Enrico e tenho 24 anos. Que coisa grande ter encontrado a Imprevisto, na minha vida! Eu não trocava a minha vida com a de ninguém. Hoje, sou apaixonado pela minha vida. E pensar que não queria entrar na comunidade de Silvio e detestava os meus pais porque, pelo contrário, estavam certos de que a Imprevisto era a única esperança para alguém como eu... para mim, que tinha deixado a escola, para quem as únicas ambições eram fugir para a Índia ou viver na rua. Ao contrário, se penso a respeito, agora, depois da Imprevisto, retomei a escola e terminei o ensino médio. Faço universidade e frequento os universitários (CLU), em Bolonha. Além do mais, estou apaixonado por uma garota linda, a mais bonita que tem por aí, e que sempre me diz: “Mas, o que fizeram com você na Imprevisto?”. E pensar que, para mim, antes, a droga era a única lente, a única janelinha através da qual eu olhava as coisas. Lembro-me de que quando entrei ali pela primeira vez, fiquei tocado com a beleza daquele lugar. E me deu um baita mal-estar porque parecia bonito demais para alguém como eu. Por ano, eu me havia negado as coisas belas, de forma que meus olhos tinham um pouco se acostumado às feiúras. Era estranho aquele lugar onde todos se tratavam bem, com respeito, e se ajudavam. Eu estava com raiva do mundo inteiro e estes diziam “obrigado”, “por favor”, pediam desculpas! Quando vi Silvio pela primeira vez, me disse: “Mas, onde você esteve todo este tempo? Finalmente, você chegou!”. Eu não entendia se ele estava brincando comigo. Nos primeiros meses, eu ficara tocado com algumas coisas estranhas que eu via naquele lugar, como por exemplo, não conseguia entender porque os portões da nossa comunidade estavam sempre abertos, 24 horas por dia, e eu dizia: “Mas, os agentes não têm medo de que os garotos fujam?”. Depois, com o tempo, entendi que, na realidade, o único a ter medo de fugir era eu, porque eu estava me ligando àquele lugar, e quando você começa a aceitar os seus limites, a entender toda a miséria que você é, não tem mais lugar para onde fugir. Como eu olhava para aqueles portões, eu era lembrado

disso o tempo inteiro. E eu ficava desconcertado porque, no início, eu esperava que a comunidade fosse um presídio ou uma espécie de hospital onde você toma o seu remédio e espera a cura. Ao contrário disso, na Imprevisto eu encontrei pessoas que souberam olhar para mim, que souberam estar perto de mim e me transmitiram uma paixão pela vida. Eu intuía, olhando para os agentes na luta de suas vidas, que eu estava perdendo algo ou que, seguramente, havia perdido algo de grande. Por isso, nenhuma psicologia, nenhum remédio me salvou a vida, mas um olhar seguramente mais doce e mais verdadeiro e mais forte do que aquele que eu tinha por mim mesmo. Algo grande veio ao meu encontro, ou seja, eu, exatamente eu, fui visitado por Alguém muito grande, muito verdadeiro. E aquilo que me tocava é que os agentes não olhavam para aquilo que eu tinha feito antes, no passado, para aquilo que eu tinha tomado, para as pessoas que eu tinha feito sofrer, mas olhavam para aquilo que podíamos fazer agora, naquele lugar no qual nos havíamos encontrado. Concluo dizendo que, para mim, a Imprevisto foi, paradoxalmente, uma experiência mais dramática do que a droga mesma, porque escancarou a minha ferida, a escancarou ainda mais, e não aquela imposta pela droga, mas aquela que todo homem carrega. Obrigado.

**Marigona.** Oi! Eu sou Marigona, tenho 18 anos e – como pode ser entendido pelo nome – nasci em Kosovo. Aos cinco anos fui adotada e, desde então, posso dizer que comecei a ter uma família. De repente, começaram a me amar. Depois, crescendo, aos 12 anos de idade, a minha fragilidade se escancarou, emergiu quando meu pai morreu com um tumor. Desde então, o relacionamento com minha mãe começou a... como posso dizer?... a ir de mal a pior, por causa da minha rebeldia: fazia aquilo que me passava pela cabeça, tinha esta raiva dentro de que mim que eu despejava nela, porque era ela que estava comigo, era ela que estava por perto, para além de como eu me comportava. E cheguei ao ponto de levantar a mão para ela, mas a coisa mais feia foram as vezes que eu lhe disse “você não é minha mãe”. Acho que essa foi a punhalada mais dura. Depois, na escola, eu ia mal porque não tinha mais interesse, não porque me faltasse cabeça, mas porque eu não queria estar ali. Era mais fácil dizer “não consigo” para não ter dificuldades, não? Assim, começaram as amizades erradas, onde a solicitação é menor: no sábado à noite um copo a mais, para depois chegar aos tóxicos. Nada disso preenchia o vazio que eu sentia, aquele vazio que, mais do que diminuir, se alargava ainda mais. Para mim, Cristo... Eu tinha muita raiva d’Ele; era como se, por Sua culpa, aquilo que me acontecia era só desgraça e, por isso, eu O culpava, certo? Mas, apesar de tudo, Ele se mostrou, isto é, Ele sempre me amou, fosse como fosse. A prova evidente

foi no dia 15 de maio de 2007, quando, de manhã bem cedo, tomei um trem, dormi e acordei na estação terminal, que, olha só, era Pesaro. Eu nem sabia que existia Pesaro, não sabia nem mesmo em que região era. Porém, ali é que tudo começou; ok, fui presa, se entenderam com minha mãe e acharam melhor que eu fosse para a comunidade. E dali me encontrei numa realidade diversa, porque se, antes, para mim, era fácil fugir da realidade que me cercava, ali ela me batia na cara continuamente, não conseguia fugir. As regras, todas essas coisas, o fato de que sempre tinha alguém perto de mim, mesmo fisicamente, me enchia o saco. Porém, mesmo se tivesse motivo para achar tudo ruim, eu me sentia amada. E quando você se sente amado, se sente amado. Ponto. Mesmo se você o nega, você se sente amado. A prova evidente foi quando, depois de uma semana, me distanciei e me trouxeram de volta para a comunidade. E eu, ali, pensava: agora, tão logo voltar, todos vão me olhar mal, as companheiras, os agentes, vão encher minha cabeça... Mas, pelo contrário, nada disso aconteceu. Voltei e Augusta, que é uma agente, antes de qualquer outra coisa, me abraçou. E este foi um outro fato que não me deixou, por nada, indiferente. Depois, foram os altos e baixos, porém a diferença é que, em mim, algo começava a derreter. Depois, eu sempre queria ser a melhor em tudo, sabe? capaz em tudo. Tinha criado para mim uma ideia de perfeição exatamente porque não conseguia aceitar aquele humano que havia em mim, o humano feito de coisas belas e de coisas nem tão belas assim. Mas o que me ajudou foi exatamente o olhar dos agentes e das companheiras, que não faziam sei lá o quê, mas simplesmente me traziam a sua experiência, ou seja, aquilo que elas viviam todos os dias. Depois de um ano de comunidade, recomecei a escola, os estudos, e esta foi uma coisa grande, porque nunca poderia ter pensado nisso, mas tive grande satisfação ao ver os bons resultados! É toda uma cadeia de eventos, sabe? Outro grande encontro na comunidade foi no dia 28 de janeiro de 2009, quando a comunidade (Giancarlo, Silvio, Graça) me fizeram conhecer Marco Scavolini (que está aqui entre os presentes), que é o responsável pelos colegiais de Pesaro. Foi um grande encontro. Lembro-me da data porque me mudou muito, no sentido de que ele, desde aquele momento, não desistiu mais. Eu não sei porque ele fez isso, pois nem me conhecia. E, portanto, o fato de rever também no Movimento o mesmo método, o mesmo objetivo que havia na comunidade me ajudou, no sentido que eu disse: “Caramba, mas então esse negócio bonito, este encontro bonito é algo que existe também fora daqui”. Basta olhar na direção certa: antes, eu olhava apenas para um lado, e graças àqueles rostos que me cercavam eu podia ver que existiam tantas outras coisas bonitas. E a outra graça foi descobrir Cristo de maneira verdadeira e concreta. Portanto, se antes eu tinha raiva d’Ele, agora eu

agradeço a Ele. Mas não é agradeço apenas desde o dia 15 de maio de 2007 em diante: eu agradeço a Ele por todos os dezoito anos de vida, mesmo pelos períodos de sofrimento, porque é graças àquele sofrimento que estou aqui esta noite. Por isso, tanto melhor se tudo isso foi necessário para estar aqui hoje. Depois, minha mãe, em tudo isso, sempre esteve presente, teve a grande coragem de confiar-me às mãos da comunidade sem perder o seu papel, ou melhor, o retomou e apoiou sempre este percurso, e apoiou também a escolha, depois de dois anos e meio, de continuar o percurso na casa de reinserção. Há um ano e meio que estou num apartamento com quatro garotas, e devo dizer que é uma experiência muito bonita, porque é um intermédio entre a comunidade, que é um lugar protegido, e fora. Tem a Graça que, nem tudo isto, para mim, é indispensável, porque é uma guia de que sempre preciso, que nos indica sempre em que direção ir. Depois, a diferença claramente está no fato que, se na comunidade sempre tinha alguém por perto que me indicava a direção, o que fazer, o que era melhor para mim, que me dava as bases, agora sou chamada, desde a manhã, quando me levanto, a organizar as minhas tarefas. A verdadeira realidade é feita também destas coisas, certo? Responsabilizar-me, crescer a partir daquilo que me espera durante o dia. Depois, obviamente, somos quatro garotas diferentes por caráter. Particularmente com ela, na comunidade, esbarrei um monte de vezes, não podíamos nos encontrar... Porém, a coisa bonita e que nos liga não é somente a experiência, porque não basta, mas é exatamente o objetivo e o nosso desejo, ou seja a minha felicidade. É isto que nos liga e que nos faz ir além da superfície. Uma semana atrás, fomos até Silvio para dar um testemunho em Forlì, e uma jornalista que fez uma provocação: “Mas não é que, da toxicod dependência, pode-se passar para a dependência da comunidade?”. Foi uma provocação e tanto, eu certamente acho que não depende nem de Silvio, nem da comunidade, nem da minha mãe, nem de ninguém. Eu dependo só de Cristo, e eu digo isto em alta voz e de cabeça erguida. A comunidade foi um encontro que, para mim, se tornou uma exigência e uma necessidade: se algo é bonito e eu o quero para sempre, mesmo daqui a dez anos, seja lá onde eu estiver ou o que estiver fazendo. Senão, seria uma enganação e não valeria a pena. Depois, outra coisa bonita que me tocou e que acho importante contar a vocês foi o telefonema de Silvio, outro dia. Enquanto eu lhe contava da bela noite com os amigos colegiais de Rímìni, Silvio me disse: “Saiba que, se você continuar neste caminho, acontecerão coisas ainda mais bonitas e você vai ser protagonista delas”. É isso: o fato de estar aqui, esta noite, contando para vocês a minha história, diante de 7 mil pessoas (vocês são tantos... e meu coração está a mil por hora) é a prova disto. E portanto aquilo que eu acho que devo dizer para concluir é que, no fim, estamos aqui, em

tantos assim, todos juntos, e eu com vocês, com a mesma pergunta e com o mesmo desejo, e isto é aquilo que nos liga, para além do passado e de cada um de nós. Basta! Com isto, termino.

**Franco Nembrini.** Poderíamos terminar aqui, porque é impressionante aquilo que escutamos. São dados, lugares, horas, nomes e sobrenomes, encontros que permitiram um ressurgimento literal. Estamos aqui em 7 mil; acredito que 6999 temos o problema que eles, de algum modo, enfrentaram e descreveram e resolveram. É por isto que peço ao Silvio para nos ajudar a entender pelo menos estas duas coisas.

Estes são jovens que têm um passado difícil nas costas. Este passado não é objeção, as circunstâncias que viveram, mesmo que muito dolorosas, não são uma objeção para o encontro, não são uma objeção para o olhar que encontraram. O que quer dizer, para você, acolher jovens sem que o passado, ou seja, as circunstâncias, determinem o seu modo de olhar para eles e o modo de eles se olharem entre si?

E a outra coisa que transparece daquilo que disseram e que eu já escutei repetir tantas vezes entre vocês, na escola, quando ando por aí, quando nos vemos, é algo como que uma fraqueza: “Não dou conta. Eu não sou capaz. Não é para mim”. Mas, como você faz para apostar em histórias assim? Porque se tem alguém que poderia dizer “não é para mim” são eles; são eles que poderiam dizer “tudo aquilo que foi dito ontem e hoje não é para mim. Eu sou muito azarado, estou fora dessa”. E, em vez disso, estão aqui contando-nos que exatamente aquilo que vivemos nestes dois dias é para eles, ou seja, é para todos. De forma que, não pode ser uma objeção o “não dou conta”, o “não é para mim”.

**Silvio Cattarina.** Bem. Eu comecei há muitos anos: desde pequeno me vi metido com estes amigos, com estes jovens que haviam caído na experiência da droga. Sempre estive com eles, já são 31 anos que – digamos assim – faço este trabalho, e sempre fiquei tocado com a bagunça deles, o sofrimento deles; mais do que eles, sempre fiquei muito tocado com seus pais, todo o drama e a dor que viviam os pais. Mas, com o passar dos anos, pelo contrário, a pessoa que sempre mais me tocava era eu mesmo, a minha pessoa. Aprendi cada vez mais – com a ajuda dos amigos, com a ajuda da nossa história, do Movimento – a escutar o meu coração, e portanto, escutando cada vez mais o meu coração, o meu desejo, aquilo de que eu precisava, sempre mais entendi e vi aquilo de que precisavam também estes amigos que eram cada vez mais jovens, visto que a minha idade aos poucos crescia. E então entendi que o problema deles era o mesmo problema que o meu,

que sempre tive, desde pequeno, ou seja, esperar por algo de grande, esperar para mim e desejar algo grande que me viesse ao encontro, que me acolhesse, que me abraçasse. Um grande objetivo para a vida. Agora, seria comprido demais ficar falando disso, aqui, eu devo contar algumas passagens, alguns fatos, seja como for, acho que me faço entender, não? Sou sociólogo, depois, com o passar dos anos, me tornei também psicólogo, duas coisas que são muito bonitas e muito frutuosas também em si mesmas, porém podem também se desviar muito. Mas o verdadeiro problema era aquilo que eu esperava. Dei-me conta de que, na medida em que passavam os anos, quando um jovem entrava na comunidade, eu não via a hora de poder me aproximar dele e lhe dizer “eu espero algo grande. Espero que, entre mim e você, entre você e nós, nesta sua experiência aqui na comunidade, nos tornemos amigos para sempre, nos tornemos amigos para toda a vida. Porém, que algo grande emergja, senão não fique aqui. Ou melhor, vamos embora juntos, fuja. Ou emerge algo grande, dentro da qual somos verdadeiramente importantes e somos protagonistas, ou não vale a pena. Ajudemo-nos nisto, fiquemos próximos, descubramos juntos esta coisa”.

Portanto, para responder à primeira pergunta, caro Franco, nos primeiros anos, também eu estava agarrado e aprisionado ao passado desses jovens, porque eles fizeram tanta coisa que você fica, de fato, tocado. Mas, o passado é passado, o passado não existe mais, e o que os faz sofrer mesmo (demorei anos para entender) é a mesma coisa que me faz sofrer também, mesmo agora que os anos passaram: aquilo que faz esses amigos sofrerem de verdade é que eles temem e têm dúvida de que exista uma grande possibilidade nesta terra. Aquilo que faz sofrer é o futuro, não é o passado; o presente passa rápido; e o futuro, ou seja, que exista um grande chamado, uma grande possibilidade dentro da qual eu possa ser mesmo um protagonista. Porque se não é assim, fazem bem quando ficam com raiva e ficam com raiva do mundo inteiro. Por isto, fazemos tanta questão de pedir muito, pedir muitíssimo. Sempre tivemos, acredito, por toda a vida, desde pequenos, um grande dom: o de pedir sempre muito, de esperar muito, de desejar tanto, sobretudo destes jovens. Isso ajuda a entender o conceito mesmo: para quem teve pouco na vida, é preciso pedir muitíssimo. Eu me lembro de um episódio de meu pai: o pai de um amiguinho meu havia morrido, eu tinha entre 8 e 10 anos, íamos à escola juntos. Meu pai quis que eu fosse dar as condolências à família. Eu não queria ir. Meu pai me levou um pouco à força. Ele disse à viúva: “Anna, sobrou para você”. Eu sentia vergonha, e queria correr dali. Depois, chamou o meu amiguinho e lhe disse: “Pino, você entende o que aconteceu? Agora, deve trabalhar dobrado. Você perdeu o seu pai (não lhe disse, mas queria dizer isso: morreu), agora deve

trabalhar dobrado”. Ali, eu fiquei com vontade de correr. Porém, pensando a respeito, aos poucos, entendi verdadeiramente que você deve pedir muito de quem passou por um revés. Então, você lhe dá um grande valor, ou seja, você o abre a uma perspectiva de entusiasmo (além do mais, o significado da palavra “entusiasmo”, que vem do grego, quer dizer, “estar dentro de Deus”), você lhe dá uma possibilidade, um valor, um horizonte que é infinito. Eu, no terceiro ano do ensino médio, tomei bomba... Recomecei o ano escolar numa sala que não era a minha, sem meus amigos, com uma agressividade, uma raiva indescritível: queria destruir tudo. Como é que um jovem faz para destruir tudo quando é pequeno? Arranca si mesmo da presença dos outros. Coloca-se no fundo da sala, se fecha, abaixa os olhos e pensa em si, não pensa mais no mundo e no exterior. A minha professora de Italiano, quando acabou a sua aula (já havia passado uma semana do novo ano escolar), disse: “Silvio, vem comigo, me acompanhe até a próxima sala, porque quero conversar com você”. Ela já estava perto de se aposentar, pegou o diário de classe, e meio balançando foi se afastando da sala. Eu a seguia. Sem me olhar no rosto, me disse: “Não pense você que eu não sei o que existe no coração de um jovem que tomou bomba. Sei muito bem. (pausa) Quero dizer-lhe duas coisas. (pausa) Primeira: é sempre possível recomeçar. Espero que o senhor faça um ano escolar muito bom, porque merece e tem todas as possibilidades. (pausa... as pausas tornam as coisas solenes, não é?) Segunda coisa: saiba que manterei o senhor sob meus olhos, porque gosto de você”. Eu já tinha namorada naqueles anos: pois bem... eu teria largado a minha namorada para me casar com aquela professora... Aquela namorada se tornou a minha mulher, está aqui... tinha que falar dela, certo? E encontrei um modo um pouco literário para fazer isso... Mas, vocês entendem que ela me deu um grande valor, uma responsabilidade? O abraço é uma responsabilidade. E, depois, concluiu (pausa): “Volte para a sua sala”. Ela nem mesmo olhou para mim, nem me cumprimentou, porque o verdadeiro abraço – entendem? – é uma responsabilidade, uma tarefa, é ser lançados em direção a uma aventura infinita. É isso. Eu acho que é um dom que recebemos e poderia ser levado embora de um momento para o outro: se nos tornássemos senhores e nos apoderássemos, nos orgulhássemos, seria levado embora imediatamente. Fico contente de que digam “não é o Silvio, não são os agentes. Sim, mas passa através deles”. Também nós dizemos sempre: “Olhem para além, atravessem as nossas pessoas, não parem em nós, é muito mais. Nós servimos um pouco, mas se não olharem para além, não atravessarem, não vão aspirar a algo infinito, eterno...”. Tanto é que frequentemente me vejo dizendo: “Espero algo grande”. Assim, quando os encontro pelos corredores, lhes digo: “Faça isso por todo o mundo. Aquilo que

você faz para você, aquele pouco de bem que você ganhar aqui dentro, que seja para todo o mundo, não faça apenas para você”. É isso: eu penso e acredito que nos é dado o dom (não sei como e por que) de inflamar estes nossos amigos (e eles nos inflamam, porque é uma questão de reciprocidade), de acender um fogo que não é nosso, que é um fogo que nos chama a um destino. Ou a nossa passagem nesta terra é verdadeiramente algo de muito importante para cada um, ou então não vale a pena, não é? Estes que vocês viram já são os “velinhos” da comunidade, mas as primeiras vezes que os levamos por aí, quando lhes dissemos “vamos a uma paróquia, vamos a um teatro, vamos a um cinema para falar”, eles olham para você atrapalhados e dizem: “Eu?! Mas, eu não sou capaz!” (a sua pergunta). Não, você é capaz de tudo, porque a pessoa é capaz quando pensa que é chamada para uma coisa infinita, entendem? Não é capaz porque eu lhe peço, não porque... mesmo nestes dias eu mandei para eles uma mensagenzinha: “vocês vão falar para muitas pessoas, com o microfone, no escuro, que não se vê ninguém, que é muito feio; vão falar, não pensem na capacidade de vocês, pensem em Deus”. É um modo. Depois, eles vão se virar na vida, mas eu desejo e espero que eles, na vida, tenham diante dos olhos um grande chamado, ou seja, a possibilidade de um protagonismo, de serem convidados, chamados na vida, que não acabe mais. Eles, como todos vocês, são prisioneiros desta mentalidade, segundo a qual é preciso ser bom em mil coisas. O que é a vida? É a realização da capacidade das nossas mãos. Por que dizem “não sou capaz”? São muito sinceros. Por que dizem “nunca vou mudar”? Não é tanto a questão da droga, é que, para a mentalidade que existe hoje, é preciso ser bom em tudo. Não, a vida não é isto. A vida é ser forte numa única coisa: numa grande esperança que você tem de ser chamado e de ser visitado, de ser feito objeto de uma grande visita e de um grande chamado. Você, na vida, deve desejar isto. Se deseja isto, todo o resto vem: a namorada belíssima, a escola... esses aí sempre tiveram resultados na escola muito dramáticos, agora se dão bem e são os melhores. Por quê? Porque são caracterizados por esta certeza na vida: que são chamados, são queridos. É isso, eu acho que o ponto é este. Portanto, não é o passado, mas é o futuro que nos preocupa. Mas, o futuro não é a precariedade que dizem os sociólogos, que falta o trabalho. Não, nós tememos é que falte Deus. É preciso trabalhar sobre isto.

O meu primeiro encontro com Giussani foi na primeira ou segunda Via Sacra em San Leo, quarenta anos atrás, quando ainda não existiam os colegiais, não se chamava assim. O que me aconteceu? Quando acabou a Via Sacra, perdi o ônibus, porque eram tempos difíceis, e o que aconteceu? Eram anos cheios de tribulação, e eu era o chefe das lutas estudantis em Pesaro, conduzia as lutas,



tinha que organizar a ocupação das escolas em toda Pesaro. Assim, terminada a Via Sacra, antes de subir no ônibus, me meti a organizar com todos os da minha cidade e das cidades vizinhas uma grande ocupação das escolas. No fim, quando me virei, todos os ônibus tinham partido. Então, eu disse: paciência, voltarei para o hotel em Rimini pedindo carona, e fui para a estrada, aquela comprida e reta logo que se sai de San Leo. Cheguei lá e coloquei o dedo para fora. Viro para trás, chega um carrão e, ao lado do motorista, estava sentado Dom Giussani. Eu, pequenininho, disse: “Caramba... agora, ele me pega, chego ao hotel, desço e todos os meus companheirinhos veem que cheguei com Dom Giussani!”. Então, meti o dedo para fora, cheio de esperança. Ele fez o carro parar, abaixou... o meu coração batia a mil por hora, a primeira vez que falava com Giussani... abaixou o vidro e disse: “Como se chama e de que comunidade você é?”. Eu disse: “Silvio, sou de Pesaro, porém, Giussani, o senhor sabe, não é?, estes são tempos duros, porque tem a ocupação, a greve, parei para organizar... e daqui e de lá... bem... no fim, me virei e não tinham mais ônibus. Foi isso que aconteceu. Agora, tenho que voltar para o hotel, tem o jantar, depois temos que nos encontrar no salão”. Eu esperava que ele me convidasse para subir, além do mais a parte de trás do carro estava vazia, só tinha o motorista e ele, eu desejava chegar ao hotel com ele e descer... que ele me abrisse a porta quando eu fosse descer do carro. Ele começou a subir o vidro e disse: “Vire-se. Assim, da próxima vez, aprende a não ficar para trás”, e foi embora e me deixou ali, a pé. Este é um grande abraço.

**Franco Nembrini.** Uma última pergunta, Silvio, preciso fazê-la. Marigona trouxe à tona a questão do desafio daquela jornalista – “por acaso não é que, da toxicod dependência, pode-se passar para a dependência da comunidade?”. E você respondeu: “Eu dependo somente de Cristo”. Eu já o ouvi falando outras vezes e eu pediria que falasse um pouquinho mais sobre esta questão, que me parece ser decisiva e introduz bem o trabalho de amanhã cedo. Eu o escutei comentar várias vezes sobre a linguagem dos toxicod dependentes quando dizem “eu me faço”. E me parece absolutamente interessante, tem muito a ver com aquela ideia de dependência a que se referia Marigona.

**Silvio Cattarina.** Sim, isto é muito indicativo, e também muito dramático. Eu nunca usei tóxicos, e qualquer pessoa que não tenha usado, como fala, como se expressa? Diz desses jovens, por exemplo: “Eles se drogam, se drogou, foi drogar-se, assume, toma, caiu”. Antes, se dizia: “injeta-se”. Eles, porém, que palavra, que verbo usam? Muito eloquentemente, muito expressivamente, dizem: “Eu me

faço, me fiz, fui me fazer, vamos nos fazer, quando me fazia”. Esperamos que digam sempre mais assim, “quando me fazia”, no sentido de que acabou, passou... Vocês entendem que “ruína” que foi, que desastre? É como se dissessem: “eu me crio, me constituo”. Isto sempre foi muito dramático. Eu, desde jovem, sempre prestei atenção nisto, sempre escutei isto com uma grande dor no meu coração. Não é possível se fazer sozinho e se fazer assim, não é possível. Ou seja, nós nos fazemos juntos, nos fazemos numa família, como disseram, nos fazemos na comunidade, nos fazemos porque um Outro nos faz, porque Deus nos faz. Talvez o exemplo mais bonito que se possa trazer é este. Lembro-me de uma frase que nos diziam, quando pequenos, o pároco e as irmãs, no catecismo, na doutrina católica na igreja: “Quem são os pais?”. Pensem em como é bonita a definição, um pouco simples, mas verdadeira, muito bonita: “Quem são os pais? Que definição podemos dar dos pais?”. Para mim, é possível dizer de toda pessoa, como é o testemunho que trouxeram estes nossos jovens. “Os pais são aquelas pessoas que, nesta terra (porque não existe somente esta terra) fazem as vezes de Deus”. Pensem em como é bonita, é exatamente o oposto daquele “eu me faço”. Sim, eu sempre vi meus pais assim. Aquele exemplo que trouxe de Dom Giussani... aquilo é uma paternidade, aquilo é algo “para sempre”, não é?, porque você, através daquela pessoa, vê muito mais. Através dos nossos pais se via verdadeiramente a Deus, entendem? Então, nós os amávamos até o ponto de venerá-los quando se tornavam velhos. Na nossa cidadezinha (sou de Trento) tem uma veneração pelos velhos, pelos doentes, pelos pais idosos, é preciso venerá-los. Mas, por quê? Porque você venera aquilo que carregam, o sinal que carregam, o Mistério que representam aqui, que nos trazem como dom. Que dom é a minha namorada! Você ama a sua namorada porque, antes de mais nada, não é ela, mas por Aquele que constitui você e ela. Agora, eu não sei me explicar bem, seria preciso professores. Vamos ver se amanhã conseguiremos explicar melhor. Tenham isto presente. Eu, através desses meus jovens, vejo isto. Eu entendi isto bem quando comecei, devagar, a me considerar mais pobre e necessitado do que eles, entendem? Porque, nesse momento, você admite que existe algo grande e, através de todos, sobretudo dos pais e da autoridade, você vê muito mais. Ou seja, “fazem as vezes”. Era justíssimo. Os pais são, de qualquer maneira, a coisa mais cara que um filho tem no mundo, mas eles envelhecem e morrem, e por isso até poderia ser justo querer o mal deles, muito, a menos que eles não representem, para além de si mesmos, junto consigo mesmos, uma Outra grande coisa. Mesmo eu, por exemplo, há alguns anos, os perdi, mas sempre estão presentes. Como fazem para estar presentes se não fossem aquilo que tentei dizer e descrever? Seria justo esquecê-los, amargamente, não é? Mas, pelo contrário,

desejamos manter tudo. Aquilo que Marigona disse: “Todo o meu passado, mesmo o de dor verdadeira”, ou seja, tudo se recupera, tudo chega a um ponto de beleza e de grandeza, e de verdade, tudo coopera.

**Franco Nembrini.** Acredito que podemos concluir aqui. Agradeço-lhe em nome de todos... retomo a citação de Marigona: agradeço-Lhe por todos os meus dezoito anos, não somente pelo tempo em que estou na comunidade; agradeço-Lhe por toda esta vida que me trouxe até aqui, já que me levou a encontrá-Lo e reconhecê-Lo hoje. Cantemos juntos uma última canção.

*Canto: Allora saprete che esisto*

### SÁBADO, 23 DE ABRIL, MANHÃ

**Padre Eugenio Nembrini.** Estamos felizes porque, esta manhã, o Bispo de Rímíni, Dom Francesco Lambiasi, quis vir nos encontrar, para dar início a este dia. Para mim, isto é uma comoção e não é óbvio. O Bispo é o sinal evidente, objetivo da presença de Cristo na sua Igreja. Ontem, falamos deste Jesus que nos ama. É o sinal deste abraço misericordioso. Queremos agradecer, então, juntos, esta manhã, a Jesus que deu a vida por nós e que se torna, ainda uma vez, presente no meio de nós.

*Angelus*

**Dom Francesco Lambiasi.** Dou-vos a bênção do Senhor como inauguração deste dia. A memória da encarnação do Senhor Jesus que fizemos com a recitação do Angelus, de um lado nos faz lembrar o evento de ontem, a paixão e a morte, e de outro nos orienta em direção ao evento de amanhã, esta noite da Vigília Pascal e de amanhã, Dia da Páscoa. Nós também o dissemos na oração: “Nós que conhecemos, pelo anúncio do anjo, a encarnação de Vosso Filho Jesus Cristo, cheguemos, por Sua paixão e cruz, à glória de Sua Ressurreição”

Que possais viver plenamente a fé e o amor por Jesus crucificado, morto e ressuscitado, e que possais ser anunciadores, mensageiros e testemunhas ressuscitadas do Cristo morto e ressuscitado entre os vossos companheiros, para amar também aqueles que não creem.

*Bênção*

*Cantos: Qui presso a te, Ojos de cielo, Ho un amico*

### PALESTRA PADRE EUGENIO NEMBRINI

Que belo nascer do sol, esta manhã, pelo menos para mim. De fato, se vê, não? Quantas manhãs, o nascer do sol, ou para alguns o fim da manhã, para outros o início da tarde, se torna apenas abrir os olhos, apáticos (e estou falando de um super nascer do sol), meio temerosos, com medo de abrir os olhos e entrar naquela realidade, cansados. Ou então, ficamos curiosos para ver como aquelas horas que nos esperam, aquela casa na qual vivemos, aquela escola que frequentamos, aqueles amigos que encontraremos, como tudo isso nos interroga. Curiosos por ver Deus em ação e não já prevenidos, não já sabendo aquilo que deveria acontecer. Tantas das perguntas de vocês diziam: “Mas, o que quer dizer julgar? Como se julga?”. Este exemplo é já um juízo. Tirem da cabeça de vocês que o juízo seja o pensamento de vocês sobre as coisas. Sempre julgamos. Julgar é uma ação impossível de não fazer, de não realizar diante da realidade. O primeiro juízo, sempre, o primeiro juízo que damos é uma abertura ou um fechamento para a realidade, um uso da razão como medida das coisas ou um uso da razão como janela escancarada, como posição de partida: vamos ver o que nos espera, estou curioso para ver o que me espera. E o não conhecer, o não saber, o não ter todos os detalhes não dá medo. Convidam-me para um jantar esta noite... é um exemplo, heim?! Não, esta noite vou a Pádua, para o batismo de Ye Wu, estou curioso. Não sei o que acontecerá, não sei em que igreja vai receber o batismo, não sei quanto tempo vai durar a missa (vocês sabiam que a noite de Páscoa talvez seja a liturgia mais longa, além do mais se tem batismo e crisma de adultos, ela se torna ainda mais longa), não sei quantos amigos vão estar presentes... Não sei a forma, está claro? Não sei. Ou se alguém me convidasse para o jantar, ou amanhã, almoço de Páscoa: não sei o que vai ser preparado, mas isto é uma objeção para mim? Isto me faz dizer “ai, meu Deus, não sei o que vou comer! Mande-me o cardápio, porque, do contrário...”? Ficarei curioso para ver. Não saber, deste ponto de vista, é um a menos, me arranca algo da vida, ou me torna escancarado para a única coisa certa? Esta noite, eu encontrarei o meu amigo Ye Wu, amanhã encontrarei amigos que comemorarão a Páscoa comigo. A primeira questão verdadeira, a grande questão da vida é que esta posição, este modo de abrir os olhos, de escancarar os olhos diante da realidade (ou seja, diante da realidade como sinal ou como um “já sabido”) é a escolha que todos fazemos, é inevitável. Mesmo aquele mal humorado? Mesmo aquele mal humorado. Como o mal humorado vê a realidade? Como vocês veem a realidade quando estão mal humorados? Como mal humorados, não? Ou seja, a realidade

não tem nada a ver, é o mau humor que nos determina. Você machucou a perna. Sempre dou o exemplo das duas crianças doentes no hospital. Quem já viu este fato alguma vez vai se dar conta muito bem. Duas crianças doentes no mesmo hospital, com a mesma doença, talvez até difícil: uma está sozinha num quarto, talvez com brinquedos, mas sozinha, triste, determinada por aquela solidão e determinada pela sua doença; no outro quarto, tem uma criança como aquela primeira, mas sua mãe está com ela, brinca também, mas não está triste assim. Está determinada pelo quê? Pela sua doença? Ela está doente, mas está determinada pela presença da mãe e está em paz. Estas duas crianças, se pudéssemos entrar na cabeça delas, por acaso pensam assim: “Esta manhã, eu devo julgar”? Não, uma criança age como uma criança. Mas, julga. Um olhar, uma abertura para a realidade cheia, carregada de uma presença, ou um fechamento para a realidade, tornada pesada por aquilo que é. Fico impressionado com isso.

Antes de subir ao palco, nos diziam que, na Via Sacra de ontem, num certo momento, um velhinho numa bicicleta parou e perguntou: “Quem são vocês? O que são vocês? O que estão fazendo?”. Ficou alguns minutos com a boca aberta, depois de ajoelhou, se levantou fazendo o sinal da cruz e dizendo: “Não podia não agradecer a Deus”. Vocês viram outros que passavam de bicicleta, ontem? Tinham outros, não é? Todos pararam para fazer o sinal da cruz? Todos pararam para dizer “como o Senhor é grande, meu Deus!”? Você pode estar diante da coisa maior, mais misteriosa, pode estar diante de Jesus em pessoa, mas aquele fato, aquele acontecimento, aquilo que está acontecendo, toca, toma, abraça na medida em que aquele coração, aquele pedido, aquela posição sobre a vida é a posição de um homem ferido, curioso. O nosso amigo Dom Giussani sempre disse isso na vida: a posição da criança – não do garotinho que quer continuar sendo um garotinho –, mas aquela posição de curiosidade, pergunta, “se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus”, é a primeira verdadeira grande questão. O juízo, o julgar faz parte da nossa natureza, da nossa estrutura, é inevitável. O problema é se o juízo parte, vive, leva em consideração todos os fatores da realidade, sobretudo da realidade como sinal. Quem julga mais, com mais inteligência, diante de uma criança, de um irmão, em quem está aparecendo o sarampo, ou a febre, ou a dor de barriga, ou se machucou... quem julga mais aquele fato: um irmão ou a mãe, que através daquele sinal, através daquele particular, se dá conta daquilo que está acontecendo? Franco é dois anos mais velho do que eu: nossa mãe, com dez filhos, percebia estas coisas no ato. Uma vez, quando falou com o médico por causa de uma certa doença, o médico já lhe dizia: “escuta, senhora, é melhor que a senhora faça isso, pois, com dez filhos, entende melhor do que eu”. Pode até parecer uma piada, mas é verdade. Na paciência, no tempo... Não é um esforço psicológico,

não é um trabalho que eu invento. A realidade é olhada e reconhecida por aquilo que é. Todo o jogo, todo o drama, todo o gosto, todo o se tornar grandes que nos dissemos ontem tem como centro, como conteúdo, como grito, este pedido: poder estar na vida, na realidade, nas circunstâncias olhando tudo por aquilo que é. E a realidade o que é? É sinal, é sinal de algo maior, é sinal de uma aventura maior.

Franco tem dois anos mais que eu; estamos aqui os dois porque dissemos: “Tentemos, ajudemo-nos a entrar ainda mais dentro da experiência vivida nestes dias”. Nós também tivemos quinze anos, e o se tornar adultos foi uma aventura também para nós. E desde então esta trajetória não parou mais; o se tornar grande é o fascínio de todos os dias. A mesma mãe, o mesmo pai, os mesmos irmãos, no fundo a mesma educação, as mesmas coisas vistas, as mesmas coisas comidas, as mesmas coisas escutadas, a mesma realidade, a mesma cidadezinha, diria que quase o mesmo espaço físico... Mas você, Franco, se lembra quando tinha 15 anos, o que lhe aconteceu? Gostaria que você contasse um pouco o que aconteceu.

Uma coisa me vem em mente: há dois mil anos, Palestina. Como viviam as pessoas há dois mil anos? Melhor, pior... faziam como hoje. Trabalhos diferentes, casas um pouco diferentes, comidas um pouco diferentes... mas, como hoje. Vimos Maria, o que quer dizer começar o dia carregados, cheios daquela abertura para a realidade: abria os olhos e estava diante das coisas de todos os dias pedindo, pedindo não Jesus (Jesus ainda não está ali). Todas aquelas perguntas que vocês fizeram, que nos escreveram, o motivo pelo qual estamos aqui era o motivo pelo qual Maria se levantava todas as manhãs. Jesus tem trinta anos (porque até os 30 anos não o conhecemos muito), começa a ser si mesmo, começa a pregação, começa a encontrar amigos, começa a fazer milagres. Era Jesus em carne e osso, podíamos tê-lo diante de nós... Jesus, entendem? Jesus em carne e osso que tem diante de si um paralítico, que levaram até a Ele. É paralítico e não se move. Jesus o olha: “Os teus pecados estão perdoados”. Os que estavam ao redor O olham, escutam, todos escutam esta frase. Tem um grupo de pessoas, aqueles que os Evangelho chama fariseus. Os escribas e os fariseus eram os mais inteligentes de todos, conheciam a Bíblia de cor, conheciam toda a promessa de Deus. Escutando Jesus, dizem: “Mas, quem ele crê ser? Deus? Quem pode perdoar os pecados? Quem pode colocar um homem em condição de estar diante da realidade? Quem pode abraçar um homem a ponto de que não seja determinado nem pelo seu limite nem pelo seu mal? Deus. Mas, quem ele crê ser?”. Jesus, conhecendo os pensamentos do seu coração, diz: “Por que sois tão incrédulos (fechados no seu mundinho...)? É mais fácil dizer a um homem ‘teus pecados estão perdoados’ ou ‘levanta e anda’?”, tanto a primeira frase é teoria, é uma bela frase. O que é mais fácil? “Então, para que entendeis que eu tenho, de verdade, o poder para realizar

o destino do homem, digo: levanta e anda”.

Vão ver no Evangelho, há centenas de momentos, de situações assim. Uma pessoa diz: todos aqueles que estavam presentes arregalaram os olhos e disseram “que coisa!”. Os fariseus e os escribas dizem: “Mas, é sábado”, entendem? Ele curava o paralítico, o cego, o aleijado, o leproso... e estes comentavam: “é sábado”, porque na lei deles, na tradição, o sábado era dia de repouso. Mas, vocês se dão conta? Conseguimos nos dar conta? Está acontecendo sob os seus olhos a coisa mais extraordinária da vida, nunca se ouviu algo assim, nunca se viu uma coisa assim... De fato, aqueles que eram os mais pobres que existiam ali dizem: “Que coisa! Nunca se viu uma coisa assim!”. Como aquele de ontem que larga ali a bicicleta e se coloca de joelhos: “Nunca vi uma coisa assim”. Tocado, entendem? Tocado, tomado por aquilo que acontecia. E estes: “é sábado, não pode”. Vence uma medida que, se pensarmos hoje, realmente faz estremecer, a medida da regra e da lei. Ou seja, rapazes, pode-se ter Jesus em pessoa na frente, fazendo tantos milagres. Começa a surgir a pergunta ao Seu redor, ao redor dos amigos – “mas quem é este? Como faz para ser assim?”. Todos entendiam – “tem algo que escapa, que não entendo” –, mas atraídos, fascinados... e os outros continuam: “Mas, quem ele crê ser? Conhecemos onde mora, conhecemos seu pai e sua mãe, conhecemos a sua família. Mas quem ele crê ser?”.

Poderíeis estar diante de Jesus em pessoa, naquela época como hoje. Entende-se esta primeira grande questão? Esta abertura ao juízo é uma posição, é uma posição humana. Quem a dá? A estrutura do seu coração. Quem a dá a você? Você é feito assim. Quem lhe dá isso? Deve fazer um esforço? Não, não deve fazer um esforço.

Sáimos de férias, férias nas montanhas, e tem gente de tudo quanto é tipo, mas aquelas pessoas um pouco estranhas, que subindo você vê só a montanha, os pés onde caminha, até quando você chega ao alto e uma paisagem extraordinária se escancara na sua frente, belíssima. Mas, você precisa fazer um esforço quando pula a última pedra para dizer “que bonito!”? Você precisa parar um segundo para dizer “faça-me julgar... agora estou aqui, agora julgo...”? Mas, acontece assim? Não, é porque você é feito assim. Porém é impressionante, é impressionante porque se fôssemos em dez tem, de repente, um que, depois de ter aberto a boca e dito “que bonito!”, tira a máquina de fotografar. E o que faz depois de três segundos? Não olha mais o espetáculo, olha a fotografia que fez e diz “que bonita!”. Acontece assim! “Que bonito!”, e três segundos depois “que bonita!”, não está mais ali, foi aprisionado, foi encastelado. Ah! Façam todas as fotografias que quiserem, mas para ajudar a entender: eu, nós somos feitos para estar diante da realidade porque somos feitos assim, com este “que belo!”, ou “que feio!”, é a mesma coisa, “que nojo!”, “que bagunça!”, “que dor!”, “que dramaticidade!”, “onde está a felicidade?

Desejo-a, quero-a”... é a mesma coisa.

O dia inteiro, meus amigos, julgamos, o dia inteiro, não tem um instante. Tanto é que todo aquele grande drama que vocês vivem – tantas perguntas eram sobre isto: “quero me tornar adulto, quero me tornar maior” –, se intui, se entende, somos feitos para aquilo. Mas, “tenho medo, não quero”; ou então “como se faz? Padre Eugenio disse que é bonito se tornar grande, mas como se faz?”. Problemas de vocês, não sei como se faz para crescer, é como se me dissessem: “Padre Eugenio, como se faz para encontrar a melhor namorada?”. E pergunta isso para mim? Tudo bem, talvez Franco, mas... “Como faço para encontrar a melhor namorada? Como faço para saber que é a melhor namorada?”. Mas, será que sua mãe tem que lhe dizer também isto? Na semana passada, eu lia uma resposta que Dom Giussani deu a um estudante que lhe perguntou: “Dom Giussani, como faço para entender quando reconheço e encontro Jesus?”. Impressionou-me porque Giussani lhe responde: “Amigo, você me nocauteia, é uma pergunta que me nocauteia. Não sei o que lhe dizer. Sim, eu posso contar a você que existem também sinais, existem... mas, fui nocauteado, porque é somente na vida e na experiência e no juízo que você vai dar. Sendo uma experiência, não posso lhe dizer nada, são palavras, mas será você – e o desafia –, será você, amigo, a me contar quando tiver encontrado Jesus, quando esta comparação com o seu coração, este juízo, se tornar experiência sua. Então, venha, venha para me contar aquilo que você tiver encontrado”.

Está clara esta primeira questão? Parece-me radical. O juízo não é um esforço psicológico, um encontrar a frase, um colocar as coisas no lugar. É esta abertura com a qual o Mistério nos colocou no mundo. Você pode fechá-la, esta abertura, pode fechá-la, a janela, pode fazer de tudo, podem ficar com raiva, podem também dizer “mas é sábado” diante daquilo que acontece, diante da urgência, diante da realidade que escancara o seu coração. Você pode decidir, mas olhem que é um esforço enorme, é um esforço infinitamente mais triste, cínico, dramático, e você deve fazer um esforço impressionante para manter o coração fechado.

Vocês têm medo da fadiga, sempre têm medo desta bendita fadiga! Mas a fadiga existe, a fadiga é algo que a gazela faz quando escapa e também o leão que a persegue. Não é que o leão, porque é leão, não deve ter alguma fadiga. Deve se esforçar se quer pegar a gazela, se quer comer. Antigamente, se brincava de polícia e ladrão. Não, vocês não brincam mais nem disso. Uma pessoa foge e a outra prende. “Preso!”, e se invertia imediatamente: eu fujo e você deve me prender... “Preso!”, e se invertia de novo... Se vocês pensam que para não serem sérios com o grito humano de vocês, estarem com tudo no lugar, então não devemos nos esforçar, ficamos na cama... Mas, vocês sabem muito bem, amigos, que se há algo que dá um tédio mortal é ficar na cama. Um dia, tudo bem, dois, três, quatro... não fazer

nada. Tanto é que a pergunta é esta: “Eugenio, a vida é uma tristeza, não me diz nada, me esforço, que saco, não tenho mais vontade”, mas é infinitamente mais cansativo isto do que aderir à estrutura com a qual o Mistério nos fez, e olhar, buscar, pedir que, na realidade, na experiência, o Mistério aconteça para mim também. Não sei se é assim, Franco, porém eu gostaria...

**Franco Nembrini.** Você, de verdade, me pegou traiçoeiramente, a vida inteira foi assim. Você fez isso também esta manhã, quando me fez esta pergunta, porque havíamos feito um outro acordo... Além do mais, o desafio que nos lança é tão decisivo e tão radical que merece verdadeiramente ser levado para casa, porque creio que seja a questão decisiva.

Você me pede para dizer como foi para mim, porque já tivemos quinze anos. Eu pensava nisso esta noite, não fechei os olhos, passei quase a noite inteira na sacada do hotel, e pensava e repensava continuamente sobre aquilo que escutamos e vimos ontem à noite. E continuava a repetir para mim mesmo aquela frase que os discípulos de Emaús dizem depois que encontraram Jesus. Vocês se lembram do episódio: duas pessoas que tinham se dado conta da falência de todos as suas expectativas e de todos os seus desejos. Parecia que fosse Ele, e ao invés o viram morrer. Fechado, fim. Parecia que a vida poderia ser salva, e ao invés não. E voltavam para casa com toda aquela amargura e aquela desilusão, com o medo de antes, ou melhor, pior do que antes. E alguém se aproxima deles, conversam ao longo do caminho, e depois lhe pedem que fique para comer com eles; divide com eles o pão e, naquele momento, desaparece. E entendem de repente. Diz o Evangelho: “Abriram-se os seus olhos”. Não tinham entendido que era Ele, parecia um caminhante, alguém que passava pelo caminho, mas ao conversar com Ele e, depois, na fração do pão, de repente, seus olhos se abriram e eles voltaram correndo, não obstante já fosse noite, para dizer aos amigos: “Vimos o Senhor! O Senhor ressuscitou verdadeiramente!”, e entre eles, no caminho, comentavam: “Não nos ardia o coração enquanto falávamos com Ele?”. E esta noite eu pensava: mas, amanhã o que mais temos a fazer se não nos ajudarmos a ficar diante daquilo que aconteceu, estar diante dos fatos? Os fatos – como dizia Eugenio agora –, a realidade, o nosso coração e a realidade, e aquilo que Deus coloca dentro da realidade, ou seja, Ele mesmo. De que forma? Daquela forma tão adequada a nós, tão adequada aos nossos olhos, aos nossos sentimentos, à nossa inteligência, tão adequada àquilo que somos, a ponto de se colocar num palco e tomar a carne, a voz e a história de seis jovens como vocês para comunicar-Se a cada um de nós. “Não nos ardia, ontem à noite, o coração ao ouvi-los falar?”. Eu pensava, esta noite, e me perguntava (porque havíamos acabado de ler todas as perguntas que vocês

nos mandaram): tenho 56 anos, Eugenio tem 54 anos, aqui, entre nós, tem muitos professores. O que, no tempo, tornou um pouco mais fácil... – porque é preciso dizer isso: o tempo não passa por nada, o tempo edifica naquela liberdade, naquela pergunta sobre a qual ele falava. O tempo constrói, não deixa as coisas como estão. O que – eu dizia – tornou um pouco mais fácil, no tempo, o dar-se conta d’Ele presente, gozar de Sua presença com simplicidade? O que tornou um pouco mais familiar a Sua presença nos anos, no tempo? E eu me respondia: os amigos que me acompanharam, os amigos que eu tive, os amigos que me recordaram aquilo que Eugenio recordou antes. Que é a única forma de amizade que eu conheço, o único conteúdo de relacionamento digno deste nome, porque os amigos, na vida, sempre foram aqueles que me recordaram que eu tinha que levantar a cabeça, olhar, julgar, no sentido daquela abertura sobre a qual Eugenio falava.

Porque esta aventura começou exatamente assim, como para vocês, nesta manhã, como para vocês, ontem na Via Sacra, ou ontem à noite. Começou quando eu estava – entre os 15 e os 17 anos – morrendo atrás dos meus pensamentos e não via mais, e não olhava mais, ou melhor, aquilo para o que eu olhava me parecia morrer dia após dia, tornar-se cinza a cada dia. E depois acabei numa ocasião como esta, arrastado exatamente por ele e aquela outra irmã, para três dias como estes. Usei frequentemente, e a uso também nesta manhã, com um pouco de tremor, a palavra milagre... não saberia dizer de outra maneira. Fui com a vida despedaçada, com uma vida cinzenta, com a vida que morria em minhas mãos, as coisas mais caras que eu tinha estavam morrendo. E voltei com esta vida que me havia sido dada outra vez, totalmente.

Outro dia, eu dava este exemplo: imaginem um bellissimo bouquet de flores, um bellissimo vaso de flores, todo colorido, e você começa, aos quatorze anos, a ouvir que estas flores que são a vida, as coisas da vida, as coisas que você ama na vida, desvanecem e se tornam cinzas, preto e branco, e depois murcham, e depois apodrecem na sua frente, a sua vida apodrece na sua frente. E dentro disto estão todos os dramas que vocês descreveram nas cartas que lemos esta noite: o bem e o mal, o esforço que se faz, as contradições... tudo. Fato é que a vida morre na sua frente. E imaginem que, naqueles três dias, misteriosamente, é como se aquele vaso retomasse todas as suas cores, retomasse a vida, e havia retomado vida o relacionamento com a minha família, com os meus pais em particular, que eu estava perdendo, e retomaram as cores os meus amigos, retomou as cores a vontade que eu tinha de estudar e que, naqueles dois anos, eu tinha perdido, tudo havia retomado a vida e as cores. Verdadeiramente uma ressurreição. E, no meio destas flores – é assim que eu peguei a deixa que ele colocou ali e que algumas cartas pediam –, no meio destas flores, a flor inesperada e mais bonita, a da paixão, a da garota

que estava ali, por quem me apaixonei perdidamente imediatamente. E depois aquela história incrível, aquela história incrível pela qual, em certo momento, desistimos, porque havia algo maior para perseguir... Em suma, serei breve, tive esta impressão: aquela flor, que era a flor mais bonita que eu tinha recebido, era como se vivesse independente de todas as outras, e quanto mais se tornava bela tanto mais as restantes, ao seu redor, morriam, vivia da morte do resto. Não podia funcionar assim, não podia funcionar assim, porque a pessoa, quando quer a vida, a quer toda, inteira, eu não estava disposta a renunciar a nada da vida. E, então, entendemos que havia um erro naquele nosso relacionamento e fizemos um certo percurso, uma certa estrada, porque a pessoa quer tudo da vida, a plenitude da vida, quer a resposta para a dor, para o cansaço, quer construir amizades, quer sentir que o tempo é útil, quer abraçar os amigos por aquilo que são. Não podia ser menos do que tudo. E nisto a vida, exatamente a vida da comunidade, a amizade de alguns me acompanhou nesta longa verificação que nunca mais acabou, nesta extraordinária aventura que continua hoje, porque a vida de então era aquilo que Eugenio disse: escavar a realidade – como digo sempre – para encontrá-Lo, porque a realidade, há dois mil anos, é habitada, como vimos clamorosamente neste dias. E, então, não tem coisa mais interessante do que se levantar pela manhã curiosos... com 56 anos, curiosos para escavar a realidade, a fim de vê-Lo, para encontrá-Lo. Não sei se respondi, mas tentei.

**Padre Eugenio Nembrini.** Mas, se entende. É que quando eu estava no ensino médio, meu café da manhã era pão e vinho, pão e vinho e queijo. Bergamo, pedreiros... Crescemos no pós-guerra com as pessoas que saíam deste drama e arregaçavam as mangas. Fizeram-nos crescer como homens, mostrando que a vida é uma aventura extraordinária; agora, fazem vocês crescerem à base de biscoitinhos e cereais... E pelas cartas – permitam-me dizer isso, sem julgar ninguém –, vocês são uns molengas. Todo esse medo... E seis jovens, ontem à noite, disseram isso, gritaram isso, mas cada um de nós também o grita para o mundo inteiro: somos feitos para coisas grandes. Mas, se você quer ser um molenga, quem é que vai impedir? “Eugenio, o que temos que fazer para nos tornarmos grandes? Expliquem-nos, dê-nos algumas regras, dê-nos algumas coisas”: isto era quando vocês eram crianças, vocês agora estão se tornando grandes. Ninguém, e eu vou gritar isso, ninguém pode substituir você nesta viagem extraordinária que é a vida, como gosto, paixão, razão, inteligência, liberdade. Desconfiem de quem pega vocês pelo braço e explica as coisas, tentando fazê-los raciocinar para dizer-lhes “deixa que eu penso a respeito. Vou substituí-lo nisso”. Eu comecei a fumar (e isso não é

uma propaganda a favor do fumo... fumar é uma burrice, eu sei, ele sabe e vocês sabem) aos onze anos. Naquela época, não era permitido fumar no seminário, era proibido, se pegavam você fumando, você voltava para casa. Pegaram-me fumando. Mas era o ano de 1968. Vocês nem imaginam o que é 1968... de qualquer forma, foi o período – assim se dizia – “da liberdade, da justiça, do importante é ser si mesmo...”, toda essa bobagem. E o padre que me pegou, me tomou pelo braço e demos uma volta pelo claustro, e ele me disse: “Eugenio, você já é grande, algumas coisas você já pode entender, e o fumo faz mal, mas você já é grande, tem que decidir”. Explicou-me pensando: “amanhã, você me responde”, confiando na sua capacidade de convencimento. Percebem? De fato, no dia seguinte: “Eugenio, então, decidiu?”, e eu lhe disse: “Sim, sim, decidi: continuarei fumando”. Crise! Acho que fui o único seminarista do mundo que teve, aos onze anos, e depois aos doze, a permissão, escondida, dos superiores, para fumar no quarto de um dos superiores, porque não podia fumar em qualquer lugar.

É um exemplo. Todos os convencimentos, todas as frases... Franco é um especialista nisto, porque é o nosso trabalho estar com as pessoas, estar com os jovens, estar com os adultos, poderíamos fazer um livro de instruções, eu lhes asseguro, e provavelmente venderia muito: as 100 perguntas dos pais, As 100 perguntas dos jovens, As 100 perguntas mais... venderia, estou certo disso, mas não serviria para nada. Diante do seu coração que berra, que grita, que pede, que tem esta estrutura impressionante, que recomeça a remar todas as vezes que, na realidade, acontece alguma coisa de bonito ou de feio, e que vocês não conseguem parar, amigos, é preciso aquela lealdade sobre a qual falamos tanto ontem. Não existe outro instrumento. Chama-se coração, que, no encontro com a realidade, explode. Queremos continuar como criancinhas? Mas, vocês não poderiam nem mesmo continuar como criancinhas, porque envelhecem, a barba começa a crescer, se torna grisalha. Cresce-se, mas continuando como uma criancinha, criancinha caprichosa, sem o juízo. Que tristeza! Mas é uma escolha. Eu não posso me substituir a vocês, não posso.

**Franco Nembrini.** Posso intervir? Tem algo das cartas de vocês que me tocou e que eu gostaria de dizer-lhes. Queria sublinhar um aspecto que me parece importante, que é o do tempo, da paciência. Muitas das perguntas de vocês é como se urgissem ou exigissem uma capacidade de adesão, uma capacidade de reconhecimento da Sua presença imediata. Mas, pelo contrário, o tempo da vida é dado para isto. Ou seja, fazendo aquele trabalho que ele descreveu, aquela familiaridade, aquela capacidade de dizer “é o Senhor!” crescerá, crescerá no

tempo. Não se surpreendam e não se escandalizem com o cansaço, confiem na experiência, vocês chegarão a ela, devagar, com o tempo. Verifiquem as coisas, verifiquem os fatos, apeguem-se ao coração de vocês e à realidade e a Sua presença vai se esclarecer, vai se tornar familiar. Vai se tornar mais natural – no tempo – dizer-Lhe: “É o Senhor!”, “És Tu, Senhor!”. Os apóstolos demoraram três anos, e depois de três anos Felipe ainda lhe disse: “Jesus, quando veremos o Pai?”. E Jesus lhe disse: “Mas, Felipe, há três anos estamos juntos e você ainda não entendeu que quem me vê, vê o Pai?”, e depois fugiram na noite da provação, nenhum deles estava nos pés da cruz. É no tempo, é o trabalho da vida, o trabalho fantástico da vida é que a realidade torna familiar para nós, em cada coisa, em cada coisa, a Sua presença. Mas é uma companhia que devemos nos fazer, uma ajuda mútua, um empurrãozinho que nos damos, uma cutucada: “Levante a cabeça: olhe, olhe, olhe”. É um sustentar-se mútuo neste trabalho, a vida das nossas comunidades não tem outro sentido; não tem outro sentido a vida do Movimento, a vida de uma comunidade, a vida dos colegiais, a amizade entre vocês, o andar atrás de um adulto, não tem outro sentido que este, manter o olhar levantado, manter o coração aberto a tudo aquilo que acontece, para aprender a reconhecê-Lo.

Gosto muito da história do cego de nascença, releiam-na quanto tiveram um tempinho. Este cego está ali, cego, precisa ver, queria viver todas as coisas como os outros e não consegue. Porém, naquele dia, ouve um barulho estranho, tem alguma coisa de estranho no ar, como aqui entre nós, algo de estranho se esgueirou, e ele percebe que tem... não é o barulho dos outros dias, e então arruma uma confusão e quer entender, e berra, e grita, até que Jesus vem até ele e diz: “O que você quer?”. “O que você quer que eu queira? Quero ver!”, porque Jesus nunca dá respostas sem obrigar a esclarecer a pergunta, por causa daquilo que ele dizia antes. E então faz um barro, coloca em seus olhos e lhe diz: “Vá se lavar”. Quando vai se lavar, começa a ver, mas não viu Jesus, não sabe quem é, não sabe nem mesmo dizer o nome, antes, o dia passa e todos lhe perguntam “mas, quem é que fez você voltar a ver?”. É impressionante porque, durante todo o dia, este homem consegue dizer apenas uma coisa, continua repetindo isso: “Só sei isso: eu era cego e, agora, vejo”. Imaginem que seja – aquele dia – a parábola da nossa vida. Eu me sinto descrito assim. Não sou ainda capaz, muitas vezes, de dizer “Jesus”, se o fiz é porque O vi e poderia contar para vocês onde, como e quando. Mas é a descoberta e a surpresa de cada dia poder dizer “Jesus” como aquele cego que, quando a noite chegou, depois de todo esse caos, se reencontram e Jesus lhe diz: “Então, como vai?”, e ele lhe terá dito: “Maravilha: vejo, vejo as coisas”. Jesus lhe diz, então: “Mas, você sabe quem é que fez isso com você?”. “Não.” “Sou eu. Aquele que está falando com

você.” E ele finalmente se coloca de joelhos: “Meu Senhor e meu Deus!”. Esta é a verificação. Se me pedissem “sintetize a sua vida”, eu a sintetizaria assim: “Eu era cego e vejo”. Algo, alguém, uma companhia, testemunhas colocaram na minha vida uma possibilidade de ver, à qual sempre tentei aderir. Errando, xingando, porém tentei me manter naquilo que me acontecia, naquilo que tinha a pretensão de me acompanhar na vida, e algumas vezes aconteceu de poder vê-Lo com uma imponência, com uma evidência que me arrancou lágrimas, que me arrancou o coração porque é Ele. Juro para vocês, eu pude dizer “é Ele!” mais vezes. E vivo o dia com este desejo, com esta curiosidade, como aconteceu nestes dias, porque aconteceu para mim aquilo que aconteceu ao homem na bicicleta, que se ajoelha e diz “é Ele!”. Basta! A vida está toda aqui, é esta belíssima paciência que se deve ter, amizade que se deve viver, fidelidade a este lugar que se deve manter para poder dizer, do alvorecer ao pôr do sol, e do pôr do sol ao alvorecer, “és Tu, Senhor”, “é o Senhor!”.

**Padre Eugenio Nembrini.** Para quem quiser, entre nós está começando uma aventura extraordinária. No início deste dias, eu li para vocês a saudação que Carrón nos havia feito no ano passado, terminamos com a saudação que Carrón nos faz este ano, comovente. Quando ela nos chegou, ontem à noite, dissemos: “Mas, ele estava aqui, ouvindo! Não é possível!”. Conversamos com ele por telefone, ontem, para lhe contar um pouco como as coisas estavam indo, não lhe dissemos nada da síntese destes dias, pelo contrário, pois eu, quando falo no telefone, sou muito desajeitado. E aí, nos chega, amigos, esta saudação. Então, eu digo: não terminamos nada, eu abro, esta saudação abre. Ponto. Quantas perguntas vocês têm? Uma pessoa dizia: “Vim com muitas perguntas, algumas foram resolvidas, mas nasceram muitas outras”. Perfeito! Aqui, nada se fecha, pessoal, se abre.

“Sentir urgir dentro de si as exigências de felicidade, de beleza, de justiça, de amor, de verdade [aqui tem tudo, nestas palavras estão compreendidas todos os nossos pedidos], sentir vibrar [dá a ideia de algo mesmo bonito], ferver em cada fibra do nosso ser [tem nisso todo o drama, às vezes, de perguntas difíceis, duras, pelo significado, sobretudo diante de coisas que não são intuídas, que machucam; este ferver em cada fibra do nosso ser nos diz] é inevitável, a não ser que se seja uma pedra [amigos, é inevitável, a não ser que se seja uma pedra]. Levá-las a sério [tê-las é inevitável, mas levá-las a sério] é uma decisão, a maior decisão da vida. De consequências imprevisíveis. Somente para audazes [os audazes... usamos tanto nestes dias “permanecer como criancinhas” e “se tornar adultos”, aqui nos diz: somente para audazes]. Somente para pessoas que vibram, pessoas livres, capazes

de se amarem de verdade”. Mas, quer bem de verdade a si mesmo e ao mundo... Mas, vocês entendem que potência? O que tem aqui comparado com aquele modo fechado... “me olha, olho, me escreve, não me escreve, me fala, me telefona, me disse...”. Mas, vocês desperdiçam o tempo assim, amigos, pensando que querer-se bem é aquilo, e vocês sabem que não é verdade. Esta é a coisa extraordinária: vocês sabem que isto não realiza o coração do homem. Querer-se bem de verdade, ou seja, levar a sério este nosso coração, é uma decisão para audaciosos, para pessoas que “querem viver à altura do ideal para o qual o coração empurra sem descanso”. Amar o ideal para o qual somos feitos. Isto é para você. Ninguém, nada no mundo pode substituí-lo nesta decisão que é sua. Levá-la a sério é uma decisão.

Mas, depois, ele se torna cheio de ternura: “Encontrar companheiros para o destino é uma graça [não brinquemos entre nós, porque é possível ser amigos mesmo brincando, heim!]. Por isto, a Bíblia diz: ‘Quem encontra um amigo, encontra um tesouro’. Espero poder encontrar muitos amigos entre vocês [aquilo que Silvio dizia ontem à noite: é preciso pedir tudo, o máximo, aos jovens. Ele está dizendo para vocês, nos está dizendo que vocês podem ser, podemos ser estes amigos]. Que não tenham medo das próprias exigências. Que não tenham medo de se tornarem grandes, de serem adultos. Aliás, que não se contentem com nada de menos. Na expectativa de poder cruzar o caminho de vocês em alguma curva da estrada, desejo-lhes uma Boa Páscoa. Seu companheiro de aventura, Julián Carrón”.

Alguém assim, que não nos conhece, mas nos quer bem, nos quer bem ou não? Mas, tem mais... termino com isso porque me comoveu: “Na expectativa de poder cruzar o caminho de vocês em alguma curva da estrada”. Vocês sabem o que são as curvas? De carro, quando se está subindo aquelas estradas cheias de curvas é um caos, quando se está descendo dá enjoo... Mas, dá mesmo a ideia. É como se ele nos tivesse dito: ei, olhem que este caminho é, de verdade, um caminho, não é um modo de dizer (nos encontramos no caminho...), de cruzar com vocês numa curva da estrada, o companheiro de viagem. Porque ele também está, todos estamos nestas curvas da vida.

E eu queria encerrar dizendo outra vez: não nos assustemos. Tantas perguntas ainda eram sobre isto: “Vejo-O, percebo-O, mas tem um momento em que decai, decai”. É impossível que não aconteça esse decair. Se eu fosse capaz, cada um de vocês, de ficar de pé sozinho, de não decair, precisaríamos de Jesus? Silvio o disse ontem à noite: eu me faço. Esta ideia, “me faço”, se fosse verdadeira, se fosse real, se na experiência produzisse, em algum lugar do mundo, um homem verdadeiramente feliz, certo, que acolhe, que encontra o seu destino finalmente livre, Jesus estaria ali. É inevitável que decaia. E então? Alguém poderia dizer: mas então esta história nunca acaba... Não. Por quê? Decai, não O vejo, naquele momento me esforço... Se você é leal, porém, não pode abandonar aquilo que

você viu, não pode abandonar aquilo que já viu, viveu, amou. Como João e André, como o décimo leproso não pode abandonar.

E o que acontece? Se eu decaio, não dou conta sozinho. Então, como retomar, como esta aventura pode mover-se outra vez? O que Jesus faz? O que Jesus fez nestes dias? O que fez? O que faz para recolocar em movimento toda a nossa humanidade? O que faz? Digam-me! O que faz? Reacontece. Quando? Ontem? Não. Reacontece agora. Mas, que cara tem? Que rosto tem? Como se manifestará hoje? Qual é a cara? Qual é a carne? Tantos diziam “quero vê-Lo, quero tocá-Lo”. Como Tomé. Nós vimos: “Se não vir com meus olhos, se não colocar o meu dedo exatamente onde lhe meteram pregos”... Este é o nosso desejo: “Eu quero...”. Que carne, que rosto terá? É a grande iniciativa, a grande ternura e a fantasia total do Mistério. Mas o que eu posso perceber de uma hora para outra? Todos os sinais inconfundíveis da presença do Mistério, isto sim. Para isso, é preciso um homem vivo, um homem que, nesta humanidade, está no ápice, como nos disse Carrón: somente o audacioso, alguém que é assim é capaz de reconhecer, na realidade, o sinal misterioso, o sinal inconfundível da Sua presença.

Mas, tem um que eu deixo para vocês, entre todos os sinais inconfundíveis da presença do Mistério (que são infinitos), que é mais sinal do que todos os outros. Qual? Qual é o sinal mais sinal do que todos os outros? É que o coração recomeça. Vocês percebem isso ainda como algo negativo, caramba, que o coração recomeça. “Recomeçar” o que quer dizer? O coração recomeça, grita, pede, fica com mais raiva do que antes, procura, deseja, tem vontade, se move, erra, arrisca... Que um coração recomeça assim e começa a querer bem é o maior sinal da presença de Cristo entre nós, porque não tem nada no mundo mais capaz de arrastar, de colocar em movimento, de abraçar com aquele desejo de que também os jovens de ontem à noite falavam... O que mudou na minha vida? O que aconteceu? Que a iniciativa de Deus foi outra vez um abraço à minha necessidade humanidade, e desde então tudo mudou.

No livreto que vocês receberam, não o lerei, mas hoje, indo para casa, nestes dias, junto com aquilo que Carrón nos disse, leiam, releiam o Cartaz de Páscoa, estes dois trechos fantásticos do Papa e de Giussani, e vocês irão se dar conta daquilo que deve ser feito, daquela pergunta. Permaneçam nisso, façam com que as palavras se tornem água que rega o nosso coração: uma presença é algo que acontece agora, agora, e se torna oração, pedido. Sete mil pessoas que, em silêncio (o silêncio sobre o qual falávamos nesses dias, carregado da presença do Mistério), que invoca para si e para os próprios amigos que aconteça agora, neste instante, o milagre de um homem verdadeiro, para mim e para o mundo.



## A SAUDAÇÃO DE PADRE JULIÁN CARRÓN AOS PARTICIPANTES

Sentir urgir dentro de si as exigências de felicidade, de beleza, de justiça, de amor, de verdade, sentir vibrar, ferver em cada fibra do nosso ser é inevitável, a não ser que se seja uma pedra. Levá-las a sério é uma decisão, a maior decisão da vida. De consequências imprevisíveis. Somente para audazes. Somente para pessoas que vibram, pessoas livres, capazes de se amarem de verdade. Para pessoas que querem viver à altura do ideal para o qual o coração empurra sem descanso.

Encontrar companheiros para o destino é uma graça. Por isto, a Bíblia diz: “Quem encontra um amigo, encontra um tesouro”. Espero poder encontrar muitos amigos entre vocês. Que não tenham medo das próprias exigências. Que não tenham medo de se tornarem grandes, de serem adultos. Aliás, que não se contentem com nada de menos.

Na espera de poder cruzar o caminho com vocês em algum momento, desejolhes uma Boa Páscoa.

Seu companheiro de aventura,

**Julián Carrón**

23 de abril de 2011.

## TELEGRAMAS ENVIADOS

**Sua Santidade**

**Bento XVI**

Sete mil estudantes de Comunhão e Libertação, vindos das escolas de toda a Itália, reunidos em Rimini para a celebração do Tríduo Pascal, buscaram responder juntos ao convite de Jesus, “Vinde e vede”.

Conscientes dos nossos limites e da nossa fragilidade, num momento em que o mundo sofre o escândalo do próprio mal, somos gratos a Cristo pelo abraço cheio de Misericórdia com o qual reconstrói a cada dia as nossas pessoas e torna possível a alegria e a paz de viver. Gratos pelo testemunho tenaz e feliz que Sua Santidade oferece em cada dia para o povo cristão e para o mundo inteiro, lhe asseguramos a nossa oração e a oferta da nossa vida pela glória eterna de Cristo.

*Sac. Eugenio Nembrini*

*Prof. Franco Nembrini*

**S.E.R. Angelo Cardeal Bagnasco**

**Presidente da Conferência Episcopal Italiana**

Sete mil estudantes de Comunhão e Libertação provenientes das escolas de toda a Itália, reunidos em Rimini para a celebração do Tríduo Pascal, procuraram responder juntos ao convite de Jesus, “Vinde e vede”.

Conscientes de que nunca, como hoje, os homens esperam que se torne presente a glória de Cristo Ressuscitado, expressamos-lhe nossa fidelidade e gratidão pelo corajoso testemunho oferecido para a Igreja italiana e para o mundo inteiro.

*Sac. Eugenio Nembrini*

*Prof. Franco Nembrini*